



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

GABRIELLE RODRIGUES BEZERRA

**A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO FASCISTA NAS CHARGES DO AUTOR JOTA
CAMELO: UM ESTUDO SOB A LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO**

**MONTEIRO - PB
2025**

GABRIELLE RODRIGUES BEZERRA

**A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO FASCISTA NAS CHARGES DO AUTOR JOTA
CAMELO: UM ESTUDO SOB À LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus VI, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras-Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva

**MONTEIRO - PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574r Bezerra, Gabrielle Rodrigues.

A representação do sujeito fascista nas charges do autor Jota Camelo [manuscrito] : um estudo sob a luz da análise dialógica do discurso / Gabrielle Rodrigues Bezerra. - 2025.

70 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHE".

1. Análise dialógica do discurso. 2. Fascismo. 3. Charge. I.
Título

21. ed. CDD 401.41

GABRIELLE RODRIGUES BEZERRA

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO FASCISTA NAS CHARGES DO AUTOR JOTA
CAMELO: UM ESTUDO SOB A LUZ DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em: 29/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jordão Joanes Dantas da Silva** (***.091.974-**), em **03/06/2025 22:32:11** com chave **bc94b54240e311f08d401a1c3150b54b**.
- **Aymmée Silveira Santos** (***.235.214-**), em **03/06/2025 23:01:26** com chave **d2fc55d440e711f086911a7cc27eb1f9**.
- **Noelma Cristina Ferreira dos Santos** (***.681.054-**), em **04/06/2025 08:52:09** com chave **587729f8413a11f080552618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 05/06/2025

Código de Autenticação: 896a77



AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora, que me concederam a coragem e a determinação para chegar até aqui.

A minha irmã que esteve comigo nos momentos de tristeza e alegria ao longo do curso.

As amigas que me apoiaram e me incentivaram ao longo da minha graduação, em especial a minha amiga Maria Helena que me impulsionou nos momentos mais difíceis.

Ao meu orientador, professor Jordão Joanes pela paciência e dedicação que foram essenciais em todo o processo de construção deste trabalho.

Ao meu namorado, pelo apoio e incentivo ao longo desta caminhada.

À banca, expresso minha gratidão por participar deste momento tão memorável para mim.

RESUMO

A charge é um texto jornalístico que, por retratar a sociedade, pode representar indivíduos, discursos e movimentos políticos. Com o advento das redes sociais, o imaginário social se aproximou do chargista e da sua produção, conseqüentemente, tornando sua obra uma representação histórica e social dos indivíduos e seus discursos políticos. O objetivo geral deste estudo é analisar como a identidade fascista é representada no imaginário social por meio das obras do autor Jota Camelo lançadas no segundo semestre de 2022, período em que ocorreram as eleições presidenciais. Os nossos objetivos específicos são quatro: (i) analisar como um sujeito fascista é representado nas charges do autor Jota Camelo, (ii) identificar quais elementos verbais e não verbais são ligados ao fascismo na charge, (iii) identificar quais discursos estão presentes nas charges e (iiii) Reunir do ponto de vista teórico, as características do fascismo e dos sujeitos fascistas. A teoria linguística utilizada para o nosso estudo é a Análise Dialógica do Discurso associada ao círculo de Bakhtin, com autores como Fiorin (2011) e Brait (2008) compondo nossa fundamentação teórica. Além disso, nosso arcabouço teórico é composto por dois autores que apontam as características do movimento fascista, são eles: Stanley (2018) e Eco (2018). Nossa pesquisa é explicativa e se utiliza do método qualitativo para análise e interpretação de dados. A análise demonstrou que o chargista se utiliza da intertextualidade e interdiscursividade para representar o sujeito fascista que por muitas vezes é ligado a um seguidor do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. As atitudes dessa figura pública se conectam com a de um líder fascista, como o seu anti-intelectualismo. Nove características relacionadas ao fascismo foram encontradas nas charges, sendo elas: a) Nacionalismo ao extremo; b) Enaltecimento de um passado irreal; c) Ação apenas pela ação, sem uma reflexão sobre seus atos; d) Enaltecimento de uma cultura patriarcal; e) Crença de que a população é dividida em dois grupos e que está no “grupo certo”; f) Obediência a uma hierarquia inspirada no meio militar dentro do seu grupo, visto que existe um líder a ser enaltecido; g) Obsessão por teorias da conspiração, bem como em tudo que lhe parece “irreal”, mas que explique seus problemas atuais; h) Intolerância com a diferença e a diversidade social; i) Propagação da cultura anti-intelectualista. Portanto, a charge foi usada como instrumento de representação de uma identidade que permeia o imaginário social e que esteve presente principalmente no período eleitoral.

Palavras-Chave: Análise Dialógica do Discurso; Fascismo; Charge; Bolsonaro.

ABSTRACT

A cartoon is a journalistic text that, by portraying society, can represent individuals, speeches, and political movements. With the advent of social media, the social imaginary has become closer to the cartoonist and his production, consequently making his work a historical and social representation of individuals and their political speeches. The general objective of this study is to analyze how fascist identity is represented in the social imaginary through the works of author Jota Camelo released in the second half of 2022, the period in which the presidential elections took place. Our specific objectives are fourfold: (i) to analyze how a fascist subject is represented in the cartoons by author Jota Camelo, (ii) to identify which verbal and non-verbal elements are linked to fascism in the cartoon, (iii) to identify which discourses are present in the cartoons, and (iii) to gather, from a theoretical point of view, the characteristics of fascism and fascist subjects. The linguistic theory used for our study is Dialogical Discourse Analysis associated with the Bakhtin circle, with authors such as Fiorin (2011) and Brait (2008) composing our theoretical foundation. In addition, our theoretical framework is composed of two authors who point out the characteristics of the fascist movement, namely: Stanley (2018) and Eco (2018). Our research is explanatory and uses the qualitative method for data analysis and interpretation. The analysis demonstrated that the cartoonist uses intertextuality and interdiscursivity to represent the fascist subject who is often linked to a follower of former president Jair Messias Bolsonaro. The attitudes of this public figure are connected to those of a fascist leader, such as his anti-intellectualism. Nine characteristics related to fascism were found in the cartoons, namely: a) Extreme nationalism; b) Exaltation of an unreal past; c) Action for the sake of action, without reflection on one's actions; d) Exaltation of a patriarchal culture; e) Belief that the population is divided into two groups and that one is in the "right group"; f) Obedience to a hierarchy inspired by the military within one's group, since there is a leader to be exalted; g) Obsession with conspiracy theories, as well as with everything that seems "unreal" to one, but that explains one's current problems; h) Intolerance towards difference and social diversity; i) Propagation of an anti-intellectualist culture. Therefore, the cartoon was used as an instrument to represent an identity that permeates the social imagination and that was present mainly during the electoral period.

Keywords: Dialogical Discourse Analysis; Fascism; Cartoon; Bolsonaro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Charge “Penso logo existo”	41
Figura 2 – Charge “Exorcismo”	46
Figura 3 – Charge “Bolsonarista no psicanalista”	50
Figura 4 – Postagens inverídicas associadas ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva.....	55
Figura 5 – Comentário de Bolsonaro sobre a Sinovac.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
2.1 O gênero charge.....	10
2.2 Sobre a Análise Dialógica do Discurso.....	12
2.2.1 <i>Intertextualidade e Interdiscursividade</i>	16
2.3. O fascismo.....	17
2.3.1. <i>Características da ideologia fascista</i>	21
2.3.2. <i>A ideologia Fascista por Stanley</i>	21
2.3.3. <i>A ideologia Fascista por Eco</i>	29
2.3.4. <i>Síntese das características do fascismo</i>	32
2.3.5. <i>O cenário brasileiro</i>	36
3 METODOLOGIA.....	39
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	41
4.1. Charge 1 - "Penso logo existo"	41
4.2. Charge 2 - "Exorcismo"	45
4.3. Charge 3 - "Bolsonarista no psicanalista"	49
5 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	64

1 INTRODUÇÃO

A charge é um texto jornalístico que, utilizando-se da linguagem verbal e não verbal, tem o intuito de tecer uma crítica sobre a sociedade. Essa crítica muitas vezes está atrelada ao meio político e tem o intuito de provocar uma reflexão ao seu leitor. É frequente que nas charges estejam presentes representações de indivíduos ligados a discursos ou a movimentos políticos, e essas representações são ligadas a como a sociedade pode ver aqueles indivíduos que compartilham de um determinado viés.

Com o advento das redes sociais, o imaginário social se aproximou do chargista e da sua produção, bem como as suas obras se tornaram mais acessíveis. Isso é evidenciado quando percebido que é comum o compartilhamento do gênero charge em redes sociais como o Instagram e o Twitter (atualmente a rede social X). Sendo assim, esse gênero tem um papel crucial em transparecer como uma identidade é representada socialmente.

Levando em consideração o que foi abordado, os questionamentos lançados na pesquisa são os seguintes: Como um sujeito fascista é representado nas charges? Quais elementos verbais e não verbais são ligados ao fascismo na charge? Quais discursos estão presentes nas charges? Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como as charges do autor Jota Camelo representam a identidade fascista. Os quatro objetivos específicos são: a) analisar como um sujeito fascista é representado nas charges do autor Jota Camelo; b) identificar quais elementos verbais e não verbais são ligados ao fascismo nas charges; c) identificar quais discursos estão presentes nas charges; d) Reunir do ponto de vista teórico, as características do fascismo e dos sujeitos fascistas.

Além disso, o enfoque deste estudo será nas charges criadas/lançadas no segundo semestre de 2022, pois neste período o gênero abordou a política e expôs discursos políticos diversos levando em consideração as eleições presidenciais e a tentativa de reeleição do político Jair Messias Bolsonaro. As obras analisadas são do chargista Jota Camelo, pois o autor posta de duas a três charges por semana, dessa forma, são atualizadas conforme os acontecimentos que ocorreram no segundo semestre de 2022 de forma mais rápida que outros autores. Além disso, por se tratar de um chargista que se utiliza da rede social Twitter para postagem de suas charges, o engajamento com o público é imediato e diversificado. Vale ressaltar, também, que o mesmo é conhecido no meio digital por sua crítica ácida com traços próprios. Atualmente o autor não está postando suas obras por problemas na visão causados por um AVC que o afetou em 2024.

O nosso trabalho se utiliza da teoria linguística conhecida como *análise dialógica do discurso* que se originou no Círculo de Bakhtin. A escolha dessa teoria se deu em virtude do seu ponto de vista em relação à língua, sendo afirmado que o signo possui um viés ideológico e que os enunciados possuem relações dialógicas uns com os outros. Adentrando-se na teoria, foi observado que os conceitos de interdiscursividade e intertextualidade são pertinentes no contexto de análise do gênero charge, pois a intertextualidade é um artifício básico para a construção do gênero, como também é um elemento essencial para a sua compreensão. Em relação à interdiscursividade, a mesma está presente no gênero, por meio da intertextualidade ou não, pois ao se posicionar criticamente a charge transparece as vozes sociais (os discursos) envolvidas na sua composição. A teoria e os conceitos destacados são de extrema importância para a compreensão de como o identitário fascista é construído no gênero analisado.

Dessa forma, defendemos que a nossa pesquisa possui um cunho não só social, como também histórico, analisando e retratando por meio do gênero charge como o imaginário social associa o sujeito a uma representação fascista. A proposta de pesquisa colocada aqui está dividida em quatro capítulos. O primeiro é a introdução, finalizada por meio deste parágrafo. O segundo é a fundamentação teórica, subdividido em quatro temáticas, sendo elas: o gênero charge, a análise dialógica do discurso, o fascismo e suas características e o cenário brasileiro. O terceiro é a metodologia da pesquisa, no qual é sintetizado como o objeto de pesquisa foi analisado. Por fim, será apresentada a análise de dados e a conclusão que se obteve dessa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar nossa pesquisa, será utilizado, inicialmente, o conhecimento acerca do gênero charge. Em seguida, como aporte teórico linguístico, temos a análise dialógica do discurso de Bakhtin, tendo como destaque os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade incorporados à teoria bakhtiniana por meio da autora Kristeva. Logo após, serão apresentados o contexto histórico do fascismo e a ideologia fascista, afinando a exposição para compreensão desse movimento no contexto brasileiro. As quatro revisões teóricas têm como base os autores Matias, Moura e Maia (2017), Matias e Maia (2014), Teixeira (2001), Fiorin (2011), Brait (2008), Chauí (1980), Souza e Souza (2013), Eco (2018), Heywood (2010), Reis (2018), Alves (2015), Fonseca (2013), Stanley (2018), Gonçalves (2021), Reis e Soares (2020), Carro (2022), Alves (2015), Dias (2018) e Neto (2021).

A escolha da teoria linguística se deu pela sua posição em relação à língua, afirmando que ela deve ser estudada em meio ao seu contexto de uso, bem como o signo linguístico é colocado como dotado de ideologia. Essa afirmação, tal como os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, são essenciais para a compreensão da construção do identitário fascista na charge, levando em consideração que o discurso será analisado a partir da ideologia apresentada no gênero por meio da recorrência a outras “vozes”.

2.1 O gênero charge

Segundo Nery (2001, apud Matias; Moura; Maia, 2017, p. 3), o gênero surgiu na França e foi intitulado por *Charger*. Este termo se refere a algo exagerado, carregado e que ataca violentamente. Seu significado remonta às cargas de cavalaria. Suas características são originadas do jornalismo ilustrado do século XVIII e XIX, sua ilustração é inspirada na iconografia da Idade Média e seu traço é inspirado nos ateliês de pinturas do século XV e XVI.

Surgiu no Brasil, de acordo com Teixeira (2001), em 1896 nas mãos do chargista português Julião Machado. Suas primeiras publicações foram no jornal Gazeta de Notícias a partir da coluna chamada “Caricaturas instantâneas”. Neste período, a charge era utilizada para críticas políticas contra os adversários da monarquia e se utilizava da linguagem predominantemente verbal. A partir da Belle Époque¹, a charge se torna um meio para a

¹ A Belle Époque corresponde ao período entre o fim do século XIX e 1914, quando a Europa passou por um período de paz e conseguiu se desenvolver tecnologicamente. A França permaneceu como capital cultural do

criação de personagens fictícios com o humor em torno de piadas de salão, que eram piadas de humor efêmero. As características da charge são modificadas no Brasil, quando a mesma passa a utilizar menos a linguagem verbal.

No século XX, começou a apresentar personagens que não ultrapassaram o limite da racionalidade, como Jeca Tatu e Zé do Povo. O último expandiu a forma expressiva que a charge possuía, pois este começou a criticar os bons costumes existentes na época. Nos anos seguintes, até a década de 1930, a estrutura do gênero se focou no humor, deixando de lado a crítica social. Em 1930, com o chargista Andrés Guevara, a charge voltou a expor críticas políticas e começou a se apresentar com o texto verbal curto e com o texto não verbal mais articulado (Matias; Maia, 2014).

O gênero charge, segundo Matias, Moura e Maia (2017), é temporal, por expor muitas vezes uma notícia ou evento ocorrido naquele período de tempo. Desta forma, sua crítica, predominantemente a social, é apresentada no texto verbal e não verbal. Através disso, o propósito de apresentar uma crítica e fazer o seu leitor refletir sobre aquele fato social. Como apontam Matias e Maia (2014, p. 1019):

O principal propósito da charge é apresentar criticamente um problema, um fato ou um acontecimento que possa interessar à sociedade na qual se insere. Quase sempre recria, através de caricaturas, a imagem de pessoas públicas envolvidas em eventos capazes de gerar polêmica. Para que essa leitura seja dinâmica, o texto chargístico tem como meta satirizar, muitas vezes associando o humor satírico ao deboche e à ironia.

É importante salientar que, de acordo com as autoras, a forma que o chargista encontra para expressar sua crítica é “provocar” o leitor a refletir sobre a temática se utilizando de uma linguagem agressiva. Dessa forma, ele impulsiona essa atitude reflexiva além de causar humor.

Como o chargista inspira-se na política para construir suas críticas, ele reproduz esse universo com agressividade, pois esta é a fonte de onde nasce seu humor em forma de discurso para expressar o que não se pode dizer com palavras. Por isso a agressividade é funcional, porque por meio dela a sociedade pode dizer e concordar com verdades não ditas em outras formas de discurso público. A agressividade da charge também é uma estratégia de estímulo para o leitor, pois o incita a se conscientizar, a se posicionar e a assumir uma atitude crítica diante do texto. (Matias; Maia, 2014, p. 1021)

continente e Paris passou por grandes reformas que a fizeram ser reconhecida pelo nome de “Ville Lumière” (Cidade Luz), como o alargamento de avenidas e urbanização da cidade, além da construção da Torre Eiffel para a Exposição Universal de 1889. Essas influências francesas se espalharam não só pela Europa, mas pelo mundo e inclusive no Brasil, onde a Belle Époque chega no começo do século XX e se estende até os anos de 1920, marcando a tentativa de entrada na modernidade por determinadas cidades brasileiras, sendo São Paulo, Rio de Janeiro e Brusque algumas delas. (Dias, 2018, p. 1)

Além de se utilizar do texto verbal e não verbal, segundo Matias e Maia (2014), a charge se utiliza da intertextualidade para construir o seu sentido. O gênero se aproxima de outros como o cartum, o meme e a tirinha. Segundo Quadros, Zucco e Moretti (2010), o cartum se diferencia da charge por se referir a eventos sociais atemporais, além do foco dos fatos não ser de cunho político e sim temáticas universais.

A diferença na temática também é vista em relação ao meme, já que este se utiliza de fatos populares e de “montagens” de fotos, vídeos ou músicas para se fazer presente a sua intertextualidade, enquanto que a intertextualidade da charge se centra nos personagens retratados. (Knobel; Lankshear apud Neto, 2020, p. 9).

A temática política pode ser vista no gênero tirinha, contudo, essa, como o próprio nome indica, muitas vezes é acompanhada por uma sequência textual de vários quadros, diferente da charge, texto no qual normalmente é utilizado apenas um quadro para apresentar todo o conteúdo linguístico verbal e não verbal abordado (Souza, V; Souza, I; 2013, p. 731).

Concluimos, assim, que o gênero charge atualmente ainda está presente no nosso cotidiano, porém, está sendo exposto no meio digital por meio de jornais e revistas virtuais; para autores independentes, as redes sociais se tornaram um instrumento para a propagação do seu trabalho.

2.2 Sobre a Análise Dialógica do Discurso

Desde o início dos estudos linguísticos modernos com o lançamento do livro “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, em 1916, a linguística vem tendo contribuições de diversas vertentes teóricas de como se estudar a língua, algumas refletindo seu funcionamento real, outras a estudando a partir da sua estrutura. Na perspectiva teórica de Bakhtin, a língua deve ser analisada e estudada em seu caráter real, ou seja, em funcionamento. Partindo desse pressuposto, Bakhtin aponta para a existência de relações dialógicas na língua, como descreve Fiorin (2011, p. 18):

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos.

O teórico russo observa que ao enunciar proferimos a palavra do outro, a palavra já dita, o ponto de vista já colocado. Segundo Fiorin (2011, p. 19) “[...] o enunciador, para

constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio.” Portanto, a teoria da análise dialógica do discurso relaciona o signo a um viés ideológico. Assim Bakhtin (2006, p. 30, grifo do autor) afirma: "O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.*"

Para melhor entendimento desse conceito de signo ideológico é importante trazer o conceito de ideologia. Ele é definido por diversos autores, como Gramsci, Marx e Engels. Utilizaremos aqui o conceito cunhado por Marx e Engels, segundo Chauí (1980, p. 43):

ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

Nesse sentido, o signo ideológico de acordo com Bakhtin (2006, p. 31) reflete a realidade, precisamente um ponto de vista desta realidade, além de fazer parte desse meio. Ao afirmar a relação entre o discurso (ideológico) e o signo linguístico, Bakhtin direciona uma nova forma de se estudar a língua, como aponta Brait (2008, p. 22, grifo da autora):

A percepção da linguagem e da possibilidade de estudá-la levando-se em conta a historicidade, os sujeitos, o social, sem dúvida, provocaram profundas mudanças, que podem ser simbolizadas na ideia de *signo ideológico*. Nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia.

Dessa forma, podemos compreender que nada do que falamos/escrevemos é realizado sem a co-participação de um discurso já realizado antes, discurso esse carregado de ideologia. Sendo assim, nossa percepção sobre a realidade sempre é perpassada por uma impressão, avaliação ou julgamento, pois, tudo que existe perpassa por um discurso. Ao afirmar isso, Bakhtin aponta para o conceito de dialogismo que é definido como sendo “[...] As relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” (Fiorin, 2011, p. 19).

Como podemos observar, as relações dialógicas do discurso são estudadas através dos enunciados e não das unidades linguísticas, pois as unidades linguísticas são estruturas da língua que podem ser repetidas infinitas vezes, enquanto que os enunciados são episódios únicos por possuírem, segundo Fiorin (2011), um parecer próprio no contexto no qual está inserido, pois este possui uma autoria, o que não existe na unidade linguística. Outra diferença entre as unidades linguísticas e os enunciados é que o enunciado nunca é acabado e permite

respostas, oposições, complementações, entre outras relações que o fazem existir, pois sem o ponto de vista (a ideologia) inscrito nele, o mesmo desaparece. Diferente das unidades linguísticas que podem existir sem essas relações, como as letras e as sílabas.

Para ser possível estudar os enunciados, a teoria da análise dialógica sugere a criação da translíngua, que seria responsável por analisar os enunciados e suas relações com outros enunciados. Sobre as relações dialógicas do enunciado e sua definição, Fiorin (2011, p. 23) afirma:

[...] todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exibe seu direito e seu avesso.

Para elucidar esse conceito podemos citar um exemplo: imagine que uma pessoa está na rua com o cartaz "Eu quero trabalhar" em meio ao isolamento social causado pela Covid-19. O enunciado contido no cartaz revela duas posições sobre o isolamento social. A primeira seria a defendida pelos profissionais de saúde, de que o isolamento é necessário e só deve se manter funcionando presencialmente as instituições essenciais; a segunda seria a defendida pela pessoa com o cartaz que reivindica seu direito ao trabalho e que o considera um serviço essencial. Com esse exemplo, observamos que os enunciados possuem uma dualidade, mesmo que essa não seja percebida de imediato na superfície textual.

É relevante esclarecer que o termo diálogo/dialógico aqui utilizado remete às relações dialógicas entre enunciados e não ao significado muitas vezes encontrado no dicionário do termo diálogo como "resolução de conflitos" ou "entendimento entre partes". Posto isso, expandimos nosso conhecimento sobre as relações dialógicas explicando que essas estão sempre em clima de tensão, pois essas relações podem acontecer de diferentes maneiras:

As relações dialógicas tanto podem ser contratuais ou polêmicas, de divergência ou de convergência, de aceitação ou de recusa, de acordo ou de desacordo, de entendimento ou de desinteligência, de avença ou de desavença, de conciliação ou de luta, de concerto ou de desconcerto. (Fiorin, 2011, p. 23)

A razão para esse clima de tensão seriam as vozes sociais existentes nos enunciados, pois cada voz possui seu ponto de vista sobre o conteúdo abordado. Essas vozes sociais surgem da sociedade que é dividida em grupos que estão sempre em conflito de interesses, sendo assim, o enunciado é um local de conflito entre essas vozes, pois, ao aceitar ou ao

contradizer a outra voz é necessário que o enunciado a cite, seja de maneira marcada ou não marcada. Bakhtin ressalta este aspecto no trecho abaixo:

Classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Conseqüentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço da maior importância. (Bakhtin, 2006, p. 45, grifo do autor)

Ainda falando sobre as vozes no enunciado, é importante ressaltar que elas não são sempre vozes sociais de um grupo, mas também de um indivíduo. Este indivíduo convive em sociedade, tem suas experiências e escolhe a posição que irá tomar sobre determinado tema. Assim, para Bakhtin (2006, p. 58):

Se o conteúdo do psiquismo individual é tão social quanto a ideologia, por outro lado, as manifestações ideológicas são tão individuais (no sentido ideológico deste termo) quanto psíquicas. Todo produto da ideologia leva consigo o selo de individualidade do seu ou dos seus criadores, mas este próprio selo é tão social quanto todas as outras particularidades e signos distintivos das manifestações ideológicas. Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social.

Posto isto, Bakhtin evidencia que a voz individual se relaciona com a social, já que as opiniões oriundas desse indivíduo vêm muitas vezes do meio social. Além disso, todo enunciado é destinado a alguém ou a alguma instituição/grupo social, dessa forma, todo enunciado é direcionado a algo, como por exemplo, à igreja, a um partido, à sociedade em geral (no caso de um pronunciamento). Portanto, o enunciado é social por necessitar desses elos sociais para existir e constituir as suas relações no exterior da língua.

Nesse sentido, segundo Fiorin (2011), o sujeito da teoria da análise dialógica do discurso não é assujeitado a um único discurso e sim a um simpósio discursivo de toda a sociedade. Desta forma, o sujeito tem autonomia para decidir qual vertente seguir no seu enunciado e conseqüentemente na própria vida social. Além disso, o autor cita duas forças existentes na teoria no meio social: a força centrípeta, no qual busca centralizar e homogeneizar os discursos da sociedade, e a força centrífuga, no qual o seu objetivo é a heterogeneidade dos discursos na sociedade. O autor complementa ainda que para combater as forças centrípetas pode ser utilizado o riso e a erosão desses pensamentos centralizadores (Fiorin, 2011).

Dando continuidade ao pensamento bakhtiniano, Fiorin (2011) ressalta que a partir das forças citadas anteriormente, o autor russo nos revela que o jogo das vozes está sempre relacionado a um jogo de poder. Sendo assim:

Com os conceitos de forças centrípetas e forças centrífugas, Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes. Ao contrário, ele tem uma dimensão política, uma vez que as vozes não circulam fora do exercício do poder: não se diz o que se quer, quando se quer, como se quer. Não se trata apenas da atuação do campo tradicional da política, ou seja, a esfera do Estado; estão em causa todas as relações de poder, desde as do dia-a-dia até aquelas do exercício do poder do Estado. Não podemos dirigir-nos, com determinadas fórmulas empregadas na intimidade, a uma autoridade, a uma pessoa mais velha, a alguém a quem não conhecemos. (Fiorin, 2011, p. 29)

Portanto, o meio social exige que os enunciados e conseqüentemente as vozes sociais obedeçam às relações de poder existentes na sociedade. Em seguida, Fiorin (2011) ressalta que as relações dialógicas não irão se remeter sempre a enunciados do passado e sim a enunciados do passado, presente e futuro. Pois, todo enunciado é inacabado e possui a possibilidade de resposta para o seu destinatário; essa resposta pode ser no futuro e no presente. Logo, as relações dialógicas podem ocorrer no passado, presente ou futuro.

Tendo em vista tudo que foi exposto até o presente momento, concluímos que a constituição dos enunciados se dá por meio das vozes sociais. Retornando em como essas vozes podem aparecer no discurso, temos, de acordo com Fiorin (2011), duas formas: a marcada e demarcada. A marcada normalmente ocorre quando o discurso é nitidamente visível e separado da outra voz que constitui o enunciado — nesse caso ele pode aparecer em forma de discurso direto, discurso indireto, aspas e negação. O discurso demarcado ou bivocal ocorre quando é interno, e desta forma não haverá uma nítida separação no enunciado das duas vozes sociais diferentes. No segundo caso, é comum que o enunciado se utilize de artifícios como a paródia, a estilização, o discurso indireto livre. Ainda pode ocorrer, no segundo caso, a polêmica clara e a polêmica velada — na primeira as vozes claramente possuem uma oposição sobre a polêmica, as unidades linguísticas demonstram essa oposição, enquanto que na polêmica velada existe uma interpretação para se perceber a oposição que existe no enunciado.

2.2.1 Intertextualidade e Interdiscursividade

Dando continuidade à nossa discussão, apresentaremos os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, não discutida de maneira direta na teoria da análise do discurso, mas, segundo Fiorin (2011), incorporada a ela por contribuições de Júlia Kristeva ao

apresentar a teoria bakhtiniana na França no ano de 1967 através da revista Critique. O autor ressalta que a teoria Bakhtiniana divide o texto e o enunciado da seguinte forma:

[...] uma distinção entre texto e enunciado. Este é um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado pela possibilidade de admitir uma réplica. Ele tem uma natureza dialógica. O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação. O enunciado não é manifestado apenas verbalmente, o que significa que, para Bakhtin, o texto não é exclusivamente verbal, pois é qualquer conjunto coerente de signos, seja qual for sua forma de expressão (pictórica, gestual, etc.). (Fiorin, 2011, p. 44)

Desta forma, se o texto é manifestação do enunciado e dotado de materialidade linguística, então em todo texto ocorre a manifestação de diversos enunciados e estes se relacionam, ou seja, em todo texto existe a interdiscursividade por existir relações entre enunciados. Contudo, nem todo texto possui intertextualidade já que este se refere à materialidade linguística de um texto em outro texto. Assim Fiorin (2011, p. 44) aponta:

[...] devem-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade.

Sendo assim, a intertextualidade está ligada à materialidade de um texto em outro texto, levando em consideração que cada texto é independente do outro, no qual ele dialoga. No entanto, o próprio autor ressalta que a teoria Bakhtiniana permite que existam relações entre textos e dentro de um mesmo texto, o que diferenciaria a intertextualidade e a intratextualidade, pois a intratextualidade estaria ligada às vozes que estão dialogando dentro do texto (aos discursos), enquanto que a intertextualidade está ligada à materialidade linguística de um texto externo.

Portanto, a intertextualidade é um tipo de interdiscursividade que é materializada no fio do texto, pois a interdiscursividade, como já mencionado, é definida como as relações dialógicas entre enunciados, que podem ser demarcadas ou não no texto.

2.3. O fascismo

O termo “Fascismo”, segundo Heywood (2010), tem origem na língua italiana e é derivado da palavra *fascis*, que significa um feixe de varas ligado a uma lâmina de machado.

O termo só adquiriu um viés ideológico ao ser utilizado por Mussolini para se referir aos grupos paramilitares que o mesmo organizou durante a Primeira Guerra Mundial. Benito Mussolini foi quem difundiu a ideologia fascista, como aponta Eco (2018, p. 24):

Pode-se dizer que o fascismo italiano foi a primeira ditadura de direita que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo comum no regime de Mussolini. O fascismo italiano foi o primeiro a criar uma liturgia militar, um folclore e até mesmo um modo de vestir — conseguindo mais sucesso no exterior que Armani, Benetton ou Versace.

Nesse sentido, o nazismo de Hitler se inspirou no movimento fascista criado por Mussolini, pois, como Eco (2018, p. 32) ressalta, o fascismo não é uma ideologia estática:

Chegamos agora ao segundo ponto de minha tese. Existiu apenas um nazismo, e não podemos chamar de “nazismo” o falangismo hipercatólico de Franco, pois o nazismo é fundamentalmente pagão, politeísta e anticristão, ou não é nazismo. Com o fascismo, ao contrário, é possível jogar de muitas maneiras sem que mude o nome do jogo. Acontece com a noção de “fascismo” aquilo que, segundo Wittgenstein, acontece com a noção de “jogo”. Um jogo pode ser ou não competitivo, pode envolver uma ou mais pessoas, pode exigir alguma habilidade particular ou nenhuma, pode envolver dinheiro ou não. Os jogos são uma série de atividades diversas que apresentam apenas alguma “semelhança de família”.

Dessa forma, o fascismo se modifica conforme necessário para se adequar ao ambiente, contudo, o mesmo possui características enraizadas e intrínsecas. Eco (2018) nos aponta que “O fascismo era um totalitarismo. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições.” (Eco, 2018, p. 27). Nesse sentido, é considerado, pelo autor, uma ideologia formada por ideias políticas e filosóficas contraditórias em certa medida, já que como foi apontado, o fascismo se modifica a partir da sociedade em que o mesmo está tentando se difundir.

Nossa discussão retornará a essas características logo mais. Neste momento o foco estará no contexto histórico. O Fascismo foi criado entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e não surgiu de um único fator, na verdade cinco fatores impulsionaram fortemente a sua criação.

Segundo Heywood (2010), o primeiro fator foi a instabilidade das democracias recém estabelecidas na maior parte dos países pelo mundo, pois os princípios democráticos não estavam ainda estabelecidos entre seus habitantes que permaneceram com ideais aristocratas mesmo após a instituição da democracia no seu país. O segundo fator foi a industrialização da sociedade europeia que modificou as classes sociais existentes na época fazendo surgir uma

classe média baixa formada por comerciantes, fazendeiros, artesãos e pequenos empresários que estavam entre os proletários e os grandes empresários. Desse modo, esse “centro” apoiava o fascismo com o intuito de não perder seu status social. O terceiro fator foi a ascensão da Revolução Russa, após a Primeira Guerra Mundial, e a propagação de ideias revolucionárias nos países europeus. Com receio de perder o poder, a burguesia, segundo os comunistas, se agarrou aos ditadores fascistas para manter seus status sociais.

O quarto fator foi a crise mundial de 1930, que fez com que as democracias, já fragilizadas, se tornassem extremamente instáveis, pois a crise econômica fez os problemas sociais se intensificarem e o pessimismo da população se tornou objeto de manipulação por parte dos ditadores fascistas.

É relevante mencionar que, no cenário econômico atual, houve a crise de 2008 ou a crise *subprime* que impactou a economia mundial causando reações sociais semelhantes à de 1930. Segundo Reis (2018), a crise *subprime* “estourou” em 15 de setembro de 2008 quando o banco Lehman Brothers, localizado nos Estados Unidos, declarou falência, sendo este considerado um banco tradicional para aqueles indivíduos que queriam investir nas ações da bolsa de valores do país. A origem da crise se iniciou em 1999, quando a oferta de crédito foi expandida para pessoas que não ofereciam comprovações da sua renda, impulsionando ainda mais a concessão de créditos em 2001 com os juros dos bancos em torno de 1% ao ano, considerados juros baixíssimos para a época. Nesse sentido, as pessoas começaram a pedir empréstimos nos bancos para comprar suas casas e colocavam como garantia de pagamento os mesmos imóveis que estavam adquirindo, dessa forma, os imóveis começaram a ser valorizados já que o índice de compradores havia aumentado.

Com o passar do tempo, pessoas, bancos e fundos de investimentos estavam investindo na prática hipotecária (solicitar um empréstimo tendo como garantia o imóvel do indivíduo), sendo as duas últimas através de títulos de dívidas. Com o sucesso das ações hipotecárias, os indivíduos começaram a pedir empréstimos com o intuito de investir na bolsa de valores no setor imobiliário e obter dividendos maiores que as parcelas do empréstimo e do pagamento das parcelas dos seus próprios imóveis.

Por um tempo, a prática foi se realizando com sucesso, contudo, em 2007 houve especulações de que as ações imobiliárias iriam cair drasticamente pela prática cíclica descrita anteriormente. Neste período, os pagamentos dos empréstimos já não eram constantes, pois os dividendos já não eram suficientes para pagar as dívidas feitas pelas pessoas. Os juros sofreram um aumento não previsto, o que fez com que os imóveis fossem desvalorizados, por valer menos do que lhe estava sendo cobrado por ele. Ao se encontrar nessa situação, a maior

parte da população buscou mais empréstimos para o pagamento dos feitos anteriormente se utilizando ainda da casa como garantia, por consequência, empréstimos *subprime* mortgages (empréstimos podres) começaram a ser realizados sem controle algum. (Reis, 2018)

A reação dos bancos foi fraudar, juntamente com corretoras de valores, especulações sobre as ações imobiliárias, propagando um clima de tranquilidade entre os acionistas. Essa ação era importante para a transferência de créditos desenfreada (*Credit Default Swaps*) e obrigações garantidas por títulos e valores (*Collateralized Debt Obligation* - CDOs), ou seja, era realizada a venda dos créditos que teriam sido concedidos pelas casas transferindo a dívida para um terceiro que a comprasse. Com o não pagamento dos empréstimos, os imóveis valendo cada vez menos no mercado imobiliário e o dinheiro sendo apenas especulação, o ciclo se desfez fazendo os bancos declararem falência gerando desemprego e um aumento progressivo de pessoas sem teto. (Alves, 2015)

O resultado dessa crise foi uma grande recessão nos Estados Unidos, fazendo com que o mesmo auxiliasse os bancos monetariamente para reaquecer a economia. Houve perda de investimentos por parte dos bancos de todo mundo — a situação mais crítica foi na Islândia, onde os bancos foram estatizados por quase quebrarem — e a queda da bolsa de valores gerou falência de diversas empresas, o que acarretou maior índice de desemprego e pobreza a nível mundial. Além disso, eram necessários aos países empréstimos para aquecer a economia, no entanto, os Estados Unidos tiveram prioridade em auxiliar a própria economia e a de alguns países da Europa, enquanto que os países emergentes tinham menos possibilidade de obter qualquer empréstimo bancário, tendo em vista que a maior parte dos bancos não queria correr riscos. (Alves, 2015)

Segundo Fonseca (2013), no Brasil, a crise foi superada rapidamente por meio de medidas de recuperação econômica para a "garantia da solidez do setor bancário, de contenção da crise cambial e de estímulo fiscal" (Fonseca, 2013, p. 23). Se aproximando da nossa discussão sobre governos fascistas, essa crise, segundo Rodrik (2018, apud Soares, Simões e Romero, 2020, p. 212), estimulou a alavancada da extrema-direita, pois a mesma prega um nacionalismo que se voltaria a uma proteção nacional em relação à globalização e consequentemente a crises mundiais.

Esse nacionalismo está ligado ao quinto fator que causou o fascismo no mundo no passado. O quinto fator foi as consequências pós primeira guerra mundial, principalmente nos países penalizados e derrotados como Alemanha, Itália e Japão. Os países derrotados ou penalizados nutriam um sentimento de vingança e nacionalismo, no qual este último foi nutrido a partir de valores militaristas.

Por fim, Heywood (2010) ressalta que o fascismo teve seu auge na Itália e na Alemanha. Na Itália, com Mussolini, em 1926, quando foi proclamado o Estado fascista monopartidário; na Alemanha, com Hitler, em 1933/1934, quando foi proclamada a ditadura nazista.

Levando em consideração os fatores descritos aqui como impulsionadores do surgimento de governos fascistas, não seria irracional sentir receio do seu ressurgimento no mundo atual, pois a crise econômica e a disseminação de ideias conservadoras de extrema-direita se tornou um terreno fértil para políticos fascistas propagarem suas ideias.

2.3.1. Características da ideologia fascista

As características aqui colocadas podem sofrer adaptações a depender da sociedade na qual o fascismo se instala, já que a mesma parece ser o camaleão em meio às diversas ideologias. Apresentaremos características de um governo fascista com base em dois livros, sendo o primeiro intitulado “Como funciona o Fascismo: a política do nós e eles”, do autor Stanley (2018), e o segundo sendo do autor Eco (2018), tendo como título "Fascismo Eterno". Para melhor compreensão dividimos esta seção em duas subseções, uma para cada autor.

2.3.2. A ideologia Fascista por Stanley

A primeira característica é o culto a um passado mítico do país. Assim, Stanley (2018) destaca:

A política fascista invoca um passado mítico puro que foi tragicamente destruído. Dependendo de como a nação é definida, o passado mítico pode ser religiosamente puro, racialmente puro, culturalmente puro ou todos os itens acima. Mas há uma estrutura comum a todas as mitificações fascistas. Em todos os passados míticos fascistas, uma versão extrema da família patriarcal reina soberana, mesmo que há poucas gerações. Recuando mais no tempo, o passado mítico era um tempo de glória da nação, com guerras de conquista lideradas por generais patriotas, com exércitos repletos de guerreiros leais, seus compatriotas, fisicamente aptos e cujas esposas ficavam em casa cuidando da próxima geração. No presente, esses mitos se tornam a base da identidade da nação submetida à política fascista. (Stanley, 2018, p. 12)

Assim Stanley (2018) complementa que o passado do qual o fascismo se utiliza para manipular a massa popular é um passado irreal, inventado, como o próprio nome diz, um "mito". A história do país que os simpatizantes do fascismo propagam é um passado que apaga os "erros" do país, é um passado conspiratório, é um passado que busca "vitimar" o

verdadeiro povo da nação. Este possui o intuito de pregar quatro princípios centrais da ideologia fascista, são eles: a pureza, a hierarquia, o autoritarismo e a luta. A nostalgia do passado e desses valores é vinculada aos ideais fascistas e à sua realização.

O passado seria vinculado também a uma cultura patriarcal. Stanley (2018) disserta sobre o porquê dessa ligação existir:

Numa sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai da família patriarcal tradicional. O líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai da família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa. O líder provê a nação, assim como na família tradicional o pai é o provedor. A autoridade do pai patriarcal deriva de sua força, e a força é o principal valor autoritário. Ao apresentar o passado da nação como um passado com uma estrutura familiar patriarcal, a política fascista conecta a nostalgia a uma estrutura autoritária hierárquica organizadora central, que encontra sua mais pura representação nessas normas. (Stanley, 2018, p. 14)

Desse modo, o líder seria esse "pai" da nação o qual seria responsável por instituir novamente os valores perdidos no passado mítico. Além disso, o patriarcado seria uma prática virtuosa do passado, e este deveria ser protegido dos valores liberais do mundo contemporâneo.

A segunda característica que o autor apresenta é o uso massivo de propaganda pró-nação. Essa propaganda se utiliza de ideais virtuosos para a comunidade se unir a favor de objetivos questionáveis. Esses ideais virtuosos podem ser: o combate à corrupção, a proteção à liberdade individual, entre outros. Sobre essas questões, Stanley (2018) esclarece que o combate à corrupção se refere apenas ao combate à corrupção da pureza e não ao combate à corrupção na política. Assim, o autor afirma:

Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas é típico da política fascista, e as campanhas anticorrupção estão frequentemente no centro dos movimentos políticos fascistas. Políticos fascistas geralmente condenam a corrupção no Estado que querem assumir, o que é bizarro, uma vez que os próprios políticos fascistas são invariavelmente muito mais corruptos do que aqueles que eles procuram suplantar ou derrotar [...] Corrupção, para o político fascista, consiste na corrupção da pureza, e não da lei. Oficialmente, as denúncias de corrupção do político fascista soam como uma denúncia de corrupção política. Mas essa conversa pretende evocar a corrupção no sentido da usurpação da ordem tradicional. (Stanley, 2018, p. 29)

Ao propagar que o Estado está repleto de corrupção, o governo fascista tem o intuito de desqualificar as instituições que estão ali para supervisionar o que está sendo feito no seu governo. Para isso é comum a utilização da "liberdade de expressão" como argumento para a

deslegitimação de instituições que podem impedir a propagação dessa ideologia no Estado, assim o autor relata:

A intenção não democrática por trás da propaganda fascista é fundamental. Os Estados fascistas concentram-se em desarticular o Estado de direito, com o objetivo de substituí-lo pelos ditames de governantes individuais ou chefes de partido. É padrão na política fascista que as duras críticas a um poder judiciário independente ocorram na forma de acusações de parcialidade, um tipo de corrupção, críticas que, então, são usadas para substituir juízes independentes por aqueles que empregarão cinicamente a lei como um meio de proteger os interesses do partido no poder. [...] Em nome de erradicar a corrupção e a suposta parcialidade, os políticos fascistas atacam e diminuem as instituições que, de outro modo, poderiam cercear seu poder. Assim como a política fascista ataca o Estado de direito em nome do combate à corrupção, ela também pretende proteger a liberdade e as liberdades individuais. Mas essas liberdades dependem da opressão de alguns grupos. (Stanley, 2018, p. 30-31)

Podemos observar a partir das afirmações do autor que aquele que está vinculado à ideologia fascista recorre à propaganda como instrumento para propagar o anti-intelectualismo e suas ideias em relação ao Estado. O anti-intelectualismo é a terceira característica da ideologia fascista. Stanley (2018) postula que o ataque e a desvalorização da educação é prática comum de um simpatizante fascista e não se manifesta apenas na propaganda. Esse ataque se inicia quando os participantes desse movimento induzem a população a desconfiar das instituições educacionais como a escola e a universidade, fazendo acusações de que existe uma "doutrinação marxista" ou "marxismo cultural" no sistema educacional do país. Os professores são colocados como precursores da ideologia de esquerda e do comunismo, são acusados de mascarar a "realidade" que os adeptos ao fascismo e a extrema-direita disseminam, assim o autor conclui:

Dentro das universidades, os políticos fascistas visam professores que consideram demasiadamente politizados, geralmente demasiado marxistas, e denunciam áreas inteiras de estudo. Quando movimentos fascistas estão em curso em estados democráticos liberais, certas disciplinas acadêmicas recebem destaque. Os estudos de gênero, por exemplo, são criticados por movimentos nacionalistas de extrema-direita em todo o mundo. Os professores dessas áreas são acusados de desprezarem as tradições da nação. Sempre que o fascismo ameaça, seus representantes e facilitadores denunciam as universidades e escolas como fontes de "doutrinação marxista", o bicho-papão clássico da política fascista. Usada normalmente sem qualquer conexão com Marx ou com o marxismo, a expressão é empregada na política fascista como uma maneira de difamar a igualdade. É por isso que as universidades que buscam dar algum espaço intelectual às perspectivas marginalizadas, ainda que pequeno, estão sujeitas à denúncia de focos de "marxismo". O fascismo consiste na perspectiva dominante, e, assim, durante momentos fascistas, há um forte apoio no sentido de que se denunciem disciplinas que ensinam perspectivas diferentes das dominantes, como estudos de gênero [...]. A perspectiva dominante é muitas vezes deturpada, sendo apresentada como a verdade, a "história real", e qualquer tentativa de permitir um espaço para perspectivas alternativas é ridicularizada como "marxismo cultural". (Stanley, 2018, p. 42)

Dessa forma, o autor argumenta que essa desconfiança nas instituições formadoras é criada para deslegitimar o conceito de igualdade e conseqüentemente a luta das minorias ou das populações marginalizadas e por fim daqueles que não pertencem à perspectiva patriarcal. Assim, os considerados "diferentes" serão colocados à mercê da sociedade, serão considerados inimigos. O objetivo da educação na ideologia fascista é difundir a perspectiva dominante, o nacionalismo extremo, as normas hierárquicas e o passado mítico. Caso a universidade ou a escola debata ou discuta conceitos de igualdade ou liberdade será penalizada em um Estado liderado por um fascista.

Para o líder fascista e seus colaboradores é de suma importância fazer a população desacreditar das instituições educacionais e da própria ciência para que assim a realidade para eles seja posta em dúvida. Essa seria nossa quarta característica da ideologia fascista: A irrealidade. Assim surgem as teorias conspiratórias. No mundo contemporâneo é comum teorias conspiratórias reforçadas ou até mesmo criadas pela extrema-direita, método também é observado na ideologia fascista por intermédio do seu líder. Assim, pontua Stanley (2018, p. 53):

Nós não podemos concordar com a verdade. A política fascista substitui o debate fundamentado por medo e raiva. Quando é bem-sucedida, seu público fica com uma sensação de perda e desestabilização, um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo foi dito, são responsáveis por essa perda. A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço da informação. Um líder fascista pode substituir a verdade pelo poder, chegando a mentir de forma inconsequente. Ao substituir o mundo por uma pessoa, a política fascista nos torna incapazes de avaliar argumentos com base num padrão comum. O político fascista possui técnicas específicas para destruir os espaços de informação e quebrar a realidade. (Stanley, 2018, p. 53)

O político que adota essa estratégia irá discursar contra a "mídia liberal", pois esta não noticia ou populariza as teorias conspiratórias. Aproveitando-se desse fato o líder vai alegar que a imprensa não fala sobre a teoria por ser uma de suas participantes, caluniando e "manchando" a imagem dos jornais/revistas responsáveis pela informação. Seus seguidores tendo esse conhecimento são levados a buscar se informar por fontes não confiáveis e conseqüentemente o indivíduo tem contato com mais teorias da conspiração. O objetivo das teorias conspiratórias se torna difamar a imagem de seus alvos vinculando eles a atos problemáticos; como resultado os alvos são desacreditados e postos como aqueles que não possuem decência. A popularidade que as teorias têm atualmente pode ser explicada pela sua fórmula, pois elas são construídas para dar explicações simples para emoções irracionais,

como medo e ressentimento permeado de preconceitos em relação a outros indivíduos. (Stanley, 2018)

O líder fascista e seus cúmplices, percebendo que o público possui emoções como essa, se utiliza delas para provocar ainda mais emoção: raiva, medo, ódio, admiração, entre outras. Essa é uma das funções da linguagem na ideologia fascista: evocar uma emoção no público que é seu foco, assim a emoção será colocada acima da razão. Stanley (2018, p. 63) finaliza a discussão sobre as teorias da conspiração e a descrença na mídia revelando as consequências causadas pelo político fascista:

Nessa situação, os cidadãos não têm outra escolha a não ser procurar referências para seguir que não apenas a verdade ou a confiabilidade. O que acontece nesses casos, como vemos em todo o mundo, é que os cidadãos buscam políticas para identidades tribais, para lidar com queixas pessoais e para entretenimento. Quando as notícias se tornam esporte, o homem forte atinge certa medida de popularidade. A política fascista transforma as notícias de um canal de informação e debate racional num espetáculo com o homem forte como a estrela. (Stanley, 2018, p. 63)

Conforme observado por Stanley (2018) a quinta característica é a hierarquia. É posto aos seguidores fascistas a existência de uma hierarquia natural aos escolhidos que compõem a nação. Essa hierarquia os deixaria com um status de superioridade sobre outros grupos sociais, no entanto, entre os próprios seguidores existe uma hierarquia tendo como o de maior poder o líder fascista. Como a estrutura fascista é construída com base em uma hierarquia natural, é entendido como "traidor da nação" qualquer um que pregue a democracia liberal ou a igualdade:

De acordo com os fascistas, os liberais e marxistas (ou "marxistas culturais") promovem os ideais de igualdade e liberdade, espalhando suas ideias como "infecções" para os membros do grupo dominante, o que leva estes a entregar voluntariamente seu poder. No caso da igualdade das mulheres, a aceitação dos ideais liberais leva à destruição da virtuosa sociedade patriarcal, que é a base do mito fascista. (Stanley, 2018, p. 76)

A sexta característica é a vitimização. Segundo Stanley (2018), os grupos dominantes nos últimos anos tiveram que dividir o espaço social com grupos minoritários, nessa perspectiva se criou o sentimento de "perda" do espaço social nos grupos dominantes, o que consequentemente se tornou um sentimento de "vitimização". O sentimento de "vitimização" foi gerado a partir das conquistas sociais que grupos marginalizados tiveram ao longo dos últimos anos. Stanley (2018) ressalta que essa vitimização é utilizada como arma para a opressão de grupos marginalizados:

A propaganda fascista normalmente apresenta hinos pungentes diante do sentimento de angústia que acompanha a perda do status dominante. Esse sentimento de perda, que é genuíno, é manipulado na política fascista, transformado em vitimização e ressentimento e explorado para justificar formas de opressão passadas, atuais ou novas. (Stanley, 2018, p. 83)

Stanley (2018) complementa que os indivíduos se unem a partir desse sentimento de perda e começam a desenvolver um sentimento de nacionalismo extremo, tendo como base um nacionalismo opressor.

No cerne do fascismo está a lealdade à tribo, à identidade étnica, à religião, à tradição ou, em uma palavra, à *nação*. Mas, em acentuado contraste com uma versão do nacionalismo que tem a igualdade como meta, o nacionalismo fascista é um repúdio ao ideal democrático liberal; é o nacionalismo a serviço da dominação, com o objetivo de preservar, manter ou conquistar uma posição no topo de uma hierarquia de poder e status. (Stanley, 2018, p. 82, grifo do autor)

No capítulo “Lei e ordem”, Stanley (2018) evidencia a sétima característica vinculada a ideologia fascista. O autor argumenta que os políticos fascistas dividem a população em dois grupos:

Um Estado democrático saudável é governado por leis que tratam todos os cidadãos de forma igual e justa, apoiados por laços de respeito mútuo entre as pessoas, incluindo aqueles encarregados de policiá-los. A retórica fascista de lei e ordem é explicitamente destinada a dividir os cidadãos em duas classes: aqueles que fazem parte da nação escolhida, que são seguidores de leis por natureza, e aqueles que não fazem parte da nação escolhida, que são inerentemente sem lei. Na política fascista, mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, "cosmopolitas decadentes", aqueles que não defendem a religião dominante, são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e da ordem. (Stanley, 2018, p. 92-93)

Ao separar a população do país nesses dois grupos, o político fascista “marca” determinadas pessoas como criminosos e se utiliza desse medo para que haja um julgamento moral precipitado, assim o autor aponta:

Políticos que descrevem categorias inteiras de pessoas como "criminosos" impõem a elas traços permanentes de caráter que são assustadores para a maioria das pessoas, ao mesmo tempo em que se posicionam como nossos protetores. Tal linguagem prejudica o processo democrático de tomada de decisão razoável, substituindo-o por medo. (Stanley, 2018, p. 95)

A propaganda fascista contribui para que essa ideia se propague, assim o autor afirma:

A propaganda fascista, evidentemente, não apresenta somente membros de grupos-alvo como criminosos. Para garantir o tipo certo de pânico moral sobre esses grupos, seus membros são apresentados como tipos particulares de ameaça à nação fascista - geralmente, uma ameaça à sua pureza. Conseqüentemente, a política fascista também enfatiza um tipo de crime. A ameaça básica que a propaganda fascista usa para aumentar o medo é que os membros do grupo-alvo estuprarão os membros da nação escolhida, poluindo assim seu "sangue". A ameaça de estupro em massa é, ao mesmo tempo, uma ameaça às normas patriarcais do Estado fascista, à "masculinidade" da nação. O crime de estupro é um elemento básico da política fascista porque aumenta a ansiedade sexual e a necessidade de proteção da masculinidade da nação pela autoridade fascista. (Stanley, 2018, p. 103-104)

Diante disto, podemos entender que existirá um medo irreal em relação a indivíduos “marcados” pelo líder e seus seguidores. No capítulo posterior “Ansiedade sexual”, Stanley (2018) observa que a oitava característica do fascista é o receio à diferença e à diversidade; nesse sentido, a ideologia é contra qualquer pessoa que os pareça “intruso” na sociedade em que os mesmos estão. Stanley (2018) afirma que intrusos são todos aqueles que destoam do que seria considerado "padrão normativo". Ao exemplificar ele menciona feministas, comunidade LGBTQIA+ ou qualquer indivíduo marginalizado no país.

Como a política fascista tem, na sua base, a tradicional família patriarcal, ela é naturalmente acompanhada de pânico sobre os desvios dessa família patriarcal. Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais. (Stanley, 2018, p. 105)

A política fascista destaca essa ameaça ao patriarcado por meio dessas questões sexuais, relacionando sempre o poder ao patriarcado e todos que são "fora da curva" são colocados como inimigos e um perigo à nação, são colocados como aqueles que irão corromper os seus filhos e destruir a família tradicional. Se os seus apoiadores acreditarem nessa informação, o líder pode se mostrar como um defensor e símbolo do patriarcalismo:

Lembre-se da importância da família patriarcal para o fascismo: o líder fascista é análogo ao pai patriarcal, o “CEO” da família tradicional. O papel do pai na família patriarcal é proteger a mãe e os filhos. Atacar mulheres trans. e apresentar o temido outro como uma ameaça à masculinidade da nação são maneiras de colocar a própria ideia de masculinidade no centro da atenção política, introduzindo gradualmente ideais fascistas de hierarquia e dominação pelo poder físico na esfera pública. (Stanley, 2018, p. 112)

No término do capítulo, Stanley (2018) esclarece que essa ação é apresentar indiretamente a liberdade e a igualdade como ameaças.

Ao empregar a política da ansiedade sexual, um líder político apresenta, ainda que indiretamente, a liberdade e a igualdade como ameaças. A expressão da identidade

de gênero ou preferência sexual é um exercício de liberdade. Ao apresentar homossexuais ou mulheres transexuais como uma ameaça a mulheres e crianças - e, por extensão, à capacidade dos homens de protegê-las-, a política fascista impugna o ideal liberal de liberdade. O direito de uma mulher de fazer um aborto é também um exercício de liberdade. Ao apresentar o aborto como uma ameaça às crianças e ao controle dos homens sobre elas, a política fascista impugna o ideal liberal de liberdade. (Stanley, 2018, p. 113)

“Sodoma e Gomorra” é o título do capítulo que expõe a nona característica. Neste capítulo, o autor argumenta que é comum na ideologia fascista relacionar a cidade (zona urbana) às pessoas que dependem do Estado e à diversidade religiosa e sexual, enquanto que o campo (zona rural) estaria atrelado aos trabalhadores autossuficientes que cultivam seu próprio alimento e têm sua renda própria e valores tradicionais:

A ideologia fascista rejeita o pluralismo e a tolerância. Na política fascista, todos na nação escolhida compartilham uma religião e um modo de vida, um conjunto de costumes. A diversidade dos grandes centros urbanos, com sua concomitante tolerância em relação à diferença, é, portanto, uma ameaça à ideologia fascista. A política fascista tem como alvo as elites financeiras, pessoas "cosmopolitas", pessoas liberais, bem como minorias religiosas, étnicas e sexuais. Em muitos países, esses grupos são marcadamente urbanos. As cidades, portanto, servem como alvo substituto para os inimigos clássicos da política fascista. Na ideologia fascista, a vida rural é guiada por um ethos de autossuficiência, o que gera força. Nas comunidades rurais, não é preciso depender do Estado, ao contrário dos "parasitas" da cidade. (Stanley, 2018, p. 122)

Ainda no mesmo capítulo, Stanley (2018) expõe que no discurso fascista é comum associar o ambiente urbano a pessoas que usam benefícios assistenciais para não trabalhar e que dependem do Estado e dos trabalhadores rurais para sobreviver. Partindo dessa perspectiva, a ideologia fascista orienta que o Estado deve ser substituído pela nação:

No fascismo, o Estado é um inimigo; ele deve ser substituído pela nação, que consiste em indivíduos autossuficientes que, coletivamente, optam por se sacrificar por um objetivo comum de glorificação étnica ou religiosa. [...] As cidades, na cosmologia fascista, são empreendimentos coletivos onde as pessoas confiam na infraestrutura pública, "o Estado", para sobrevivência e conforto. Os moradores das cidades não caçam nem cultivam sua comida, como na mitologia fascista; eles a compram nas lojas. Isso contraria o ideal fascista de autossuficiência agrária rural. Na ideologia fascista, é a nação que fornece, não o Estado pequenas comunidades étnica ou religiosamente puras compostas de indivíduos autossuficientes que trabalham como uma comunidade. (Stanley, 2018, p. 123-124)

Por fim, o autor, no último capítulo, intitulado “Arbeit Macht Frei” (em tradução literal, “o trabalho liberta”), apresenta a décima característica, que seria a rivalidade instaurada na população entre um “nós” e “eles”. Sendo assim, o “nós” estaria relacionado aos habitantes que propagam as ideias do líder fascista, bem como daqueles que são considerados

produtores e trabalhadores autossuficientes da nação. Enquanto que o “eles” seria os indignos de ajuda/auxílio social, já que para o líder e seus seguidores “eles” não produzem nada e vivem às custas do Estado.

Na ideologia fascista, em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para os membros da nação escolhida, para “nós” e não para “eles”. A justificativa é invariavelmente porque “eles” são preguiçosos, carecem de uma ética de trabalho, e não lhes podem ser confiados fundos estatais, além de que “eles” são criminosos e querem viver somente da generosidade do Estado. Na política fascista, “eles” podem ser curados da preguiça e do roubo com trabalho duro. É por isso que os portões de Auschwitz e Buchenwald exibiam o slogan ARBEIT MACHT FREI– o trabalho liberta. (Stanley, 2018, p. 127-128, grifo do autor)

Nesse sentido, a ideologia fascista recorre aos habitantes envolvidos em atividades na zona rural para propagar as rivalidades: campo x cidade. Na mesma medida que impõe: preguiçosos x trabalhadores, heterossexualidade x diversidade sexual, homens de bem x criminosos, entre outras divisões de grupos já discutidas nesta subseção.

2.3.3. A ideologia Fascista por Eco

Eco (2018) apresenta como sendo a primeira característica de um governo fascista o culto à tradição e a pensadores tradicionais. O autor afirma que a ideologia fascista propaga os pensamentos de autores ditos tradicionais: “É suficiente observar o ideário de qualquer movimento fascista para encontrar os principais pensadores tradicionalistas.” (Eco, 2018, p. 36). Como são propagadas ideias tradicionais, inevitavelmente haverá uma recusa à modernidade, essa seria a segunda característica: “O iluminismo e a idade da razão eram vistos como o início da depravação moderna. Nesse sentido, o Ur-Fascismo² pode ser definido como "irracionalismo" ” (Eco, 2018, p. 37).

A terceira característica é o culto da ação pela ação, é a propagação do irracional, assim Eco (2018) aponta:

O irracionalismo depende também do culto da *ação pela ação*. A ação é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão. [...] Da declaração atribuída a Goebbels (“Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”) ao uso frequente de expressões como “porcos intelectuais”, “cabeças-ocas”, “esnobs radicais”, “As universidades são um ninho de comunistas”, a suspeita em relação ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de Ur-Fascismo. (Eco, 2018, p. 39, grifo do autor)

² O prefixo “Ur” vem do alemão trazendo o significado de “original”/“primitivo”, nesse sentido, a união de “Ur-fascismo” estaria ligado a características de base do movimento fascista. (Blog de língua alemã, 2019)

Posteriormente, o autor expõe que a ideologia fascista é construída tendo como base uma cultura sincretista, ou seja, formada por uma diversidade de doutrinas, porém, esta não pode ser criticada. Como o próprio Eco (2018) ressalta, "desacordo é traição" na ideologia fascista, por ser vista como instrumento da modernidade para se obter conhecimento. Essa seria a quarta característica de um governo fascista.

O movimento vê a diferença e a diversidade como algo que naturalmente dá medo e causa receio, essa seria nossa quinta característica. Sobre isso, Eco (2018, p. 39) disserta: "O Ur-Fascismo cresce e busca o consenso utilizando e exacerbando o natural medo da diferença. O primeiro apelo de um movimento fascista ou que está se tornando fascista é contra os intrusos. O Ur-Fascismo é, portanto, racista por definição."

Em seguida, Eco (2018) especifica qual seria o público alvo do movimento: o fascismo se instala a partir das desilusões individuais ou sociais de uma pequena burguesia. Essa seria nossa sexta característica. Esses sentimentos são observados na classe média que estaria frustrada, como acentua o autor:

[...] desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política, assustadas pela pressão dos grupos sociais subalternos. Em nosso tempo, em que os velhos "proletários" estão se transformando em pequena burguesia (e o lumpesinato se autoexclui da cena política), o fascismo encontrará nessa nova maioria o seu auditório. (Eco, 2018, p. 39)

A sétima característica seria a obsessão pela conspiração. Segundo Eco (2018) o governo fascista incita para seus seguidores que é um privilégio nascer naquele país e que sua identidade deve ser baseada nisso. Ao mesmo tempo que incita que existem conspirações internacionais para prejudicar o país e conseqüentemente as suas vidas. O objetivo é causar pânico e medo de um inimigo e os seguidores se sentirem sitiados. A origem do nacionalismo extremo é justamente esse: a imagem do país vai ser construída tendo em base inimigos a serem combatidos.

A oitava característica é a de que o inimigo é criado como aquele que é "forte demais", porém não forte o bastante para derrotar os habitantes daquela nação e nem fraco o suficiente para não haver preocupação. Neste momento, as conspirações são colocadas em foco para explicar como esse inimigo pode ter essas duas características. Dessa forma, a guerra com o inimigo nunca acaba, pois a nona característica do movimento fascista é o anti-pacifismo, sempre haverá guerra para combater o inimigo. O pacifismo seria conluio com o inimigo. Segundo Eco (2018), essa seria uma das contradições do fascismo, pois o inimigo não será

derrotado por ser "forte demais" e se esse for, a paz se instalará e assim existiria o pacifismo, o que não é permitido.

A décima característica seria o elitismo intrínseco ao fascismo já que este está relacionado com um modo aristocrata da sociedade. Esse seria um elitismo popular no qual todos se orgulham da sua nação, como aponta Eco (2018, p. 41):

Todos os cidadãos pertencem ao melhor povo do mundo, os membros do partido são os melhores cidadãos, todo cidadão pode (ou deve) tornar-se membro do partido. Mas não podem existir patricios sem plebeus. O líder, que sabe muito bem que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força se baseia na debilidade das massas, tão fracas que têm necessidade e merecem um "dominador".

Ao mesmo tempo que é propagado esse elitismo popular, também se prega que cada um respeite o seu papel, seja esse de dominador, seja esse de subordinado. Observamos neste ponto uma relação entre o fascismo e uma hierarquia inspirada no meio militar. Como todos têm orgulho da sua nação, todos querem ser heróis da nação. Essa seria a décima primeira característica do movimento fascista: o culto a um heroísmo no qual todos os cidadãos compartilham um sentimento de que podem se tornar os heróis da nação. Esse heroísmo é cultuado juntamente com uma ideia de que a morte é a melhor recompensa por uma vida heróica em prol da nação.

O governo fascista sempre quer transparecer poder e autoridade, por essa razão seus seguidores tendem a transferir sua vontade de poder para questões sexuais. Essa ação seria a décima segunda característica. A origem do seu machismo, bem como da sua intolerância com práticas não heterossexuais, vem da sua obsessão por demonstrar o poder da sua masculinidade, sendo comum o uso de armas para este fim.

A décima terceira característica seria a substituição de direitos e deveres individuais por direitos de uma comunidade, considerada a "maioria" da população, intitulada como "o povo". Nesse caso, o "povo" não poderia ter uma voz e nessa circunstância existiria o líder para ser a voz desse "povo". Seria esse um populismo qualitativo. É comum que este líder ponha em cheque os demais políticos e organizações que possam cercear seu poder e as suas decisões em relação à "nação".

A décima quarta e última característica de acordo com Eco (2018) seria se utilizar de uma língua pobre em relação ao léxico e uma sintaxe simples para que não haja um momento de reflexão e nem de crítica ao que está sendo exposto, como o autor aponta: "Todos os textos escolares nazistas ou fascistas se baseavam em um léxico pobre e em uma sintaxe elementar,

com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico" (Eco, 2018, p. 45).

Eco (2018) aponta que não é necessário que o governo apresente todas as características para ser considerado fascista, pois de acordo com o autor basta apenas um aspecto presente no governo para se suspeitar que aquele líder/partido tem ligação com a ideologia fascista.

O movimento fascista não é fundamentado em apenas 10 ou 14 características, mas essas são as mais comuns. As características apresentadas pelos autores são inter-relacionadas com outros pontos cruciais para se entender como ocorre o movimento fascista. Como já foi dito, os dias atuais semeiam um terreno fértil para esse movimento, seja pelas questões sociais, seja pelas questões econômicas. Estar atento para quando o camaleão surgir é essencial, para que este não nos pareça imperceptível, como os seus simpatizantes desejam.

2.3.4. Síntese das características do fascismo

Antes de adentrarmos no cenário brasileiro, é relevante a apresentação de um quadro-resumo que reúna as características dos dois autores citados para uma melhor compreensão do leitor.

Quadro 1 – Características da ideologia fascista

Característica	Autor	
	Stanley (2018)	Eco (2018)
Culto a um passado mítico	O passado que um governo fascista propaga é irreal e inventado para apagar os “erros” do país. Esse passado é vinculado à cultura patriarcal colocando o seu líder como o “pai” da nação que traria de volta os valores perdidos.	
O uso massivo de propaganda pró-nação	A propaganda fascista persuade a população para esta se unir a favor de objetivos questionáveis se utilizando de ideais morais e éticos. É comum que a “liberdade de expressão” e o combate à corrupção (moral) sejam citados como valores que devem ser resgatados.	
Anti-intelectualismo / A propagação do irracional	O ataque e a desvalorização da educação são práticas presentes na propaganda pró-nação. As instituições educacionais são acusadas de propagar uma cultura “marxista” e de mascarar a “realidade”. Esse feito é realizado para deslegitimar pautas levantadas nesse espaço acadêmico, como a luta das minorias e das populações marginalizadas.	Pensar antes de alguma ação no Estado fascista é visto como castração. A ação deve ser realizada sem nenhuma reflexão anterior. Se levanta a suspeita de um regime fascista quando este ataca o mundo intelectual.
A irrealidade / Obsessão pela conspiração	Com as instituições sendo desacreditadas, surgem as teorias da conspiração, que ao mesmo tempo que difamam pessoas contrárias ao governo fascista, também é utilizada para desacreditar a imprensa tradicional que não divulga informações sem provas. Seus seguidores são levados a buscar fontes não confiáveis para se informar e consequentemente tem acesso a mais teorias conspiratórias.	A identidade dos seguidores do governo fascista deve ser baseada no privilégio que é viver naquele país. Além disso, seus adeptos são manipulados a acreditar em conspirações internacionais que poderiam prejudicar seu país, o intuito é causar medo e pânico e se sentirem encurralados.
Hierarquia	O governo fascista difunde uma hierarquia natural aos seus seguidores. Os “escolhidos” que compõem a nação teriam superioridade sob o resto da população, contudo, o maior poder ainda seria do líder.	Em um governo fascista existe uma hierarquia inspirada no meio militar, pois um líder é detentor de todo o poder e controle e seus seguidores que seriam os heróis da nação. Os “escolhidos” seriam “fracos” e por isso precisam de um “dominador”, cada um deve respeitar o papel que lhe cabe.
Vitimização / Frustração social	Grupos minoritários conquistaram espaço social nos últimos anos, sendo assim, o grupo dominante sentiu que “perdeu” espaço social, se sentindo “vítimas” de políticas públicas que	O público alvo desse movimento são grupos frustrados como a classe média e a recém burguesia que sente que perdeu “espaço” social para classes minoritárias.

	pregam igualdade. Esse sentimento foi transformado em um nacionalismo extremo e opressor dos grupos marginalizados.	
Divisão da população em dois grupos	O líder dissemina que a nação é dividida entre aqueles que fazem parte da nação e seguem a lei e entre aqueles que não pertencem à nação escolhida e são inerentes às leis do país. O último grupo é escolhido e “marcado” como uma comunidade de criminosos perigosos, o que causa um “medo” irreal nos demais cidadãos. Neste grupo são colocados todos aqueles que são vistos como ameaça à cultura patriarcal.	
O receio à diferença e à diversidade	O Estado fascista se posiciona contra qualquer pessoa que não siga os padrões normativos, principalmente os padrões da família patriarcal. Sendo assim, comunidades marginalizadas, LGBTQIA+ e mulheres feministas são colocados como uma ameaça à nação.	O fascista se utiliza do medo natural da diferença e o projeta também a diversidade. O fascismo é por definição racista.
O poder da sua masculinidade é transmitida por meio de questões sexuais		A massa popular é manipulada para transmitir poder e autoridade por meio de questões sexuais, dessa forma, o machismo e a intolerância com aqueles que não são heterossexuais são incentivadas e reforçadas. Além disso, o uso da arma é utilizado para demonstrar masculinidade.
Zona urbana X Zona Rural	A ideologia fascista impõe rivalidade entre a população da zona rural e da zona urbana, colocando as pessoas da zona rural como cidadãos autossuficientes que não dependem do Estado, não usufruem de benefícios assistenciais e mantêm valores tradicionais. Enquanto que os da zona urbana seriam deprimidos por existir uma diversidade religiosa e sexual. Além disso, são colocados como dependentes do Estado e da população da zona rural para sobreviver.	
Nós X Eles	Na política fascista é incentivada uma rivalidade entre o “nós” e um “Eles”. Sendo o “nós” aqueles que transmitem as ideias do líder fascista e são independentes do Estado, enquanto que “Eles” seriam os habitantes do país que não merecem ajuda do Estado por não produzirem nada.	
Culto à tradição e a pensadores tradicionais		No governo fascista é comum a propagação de pensadores tradicionais.

Recusa à modernidade		A razão é vista como o início da depravação.
Cultura sincretista		A cultura fascista é modelada por uma diversidade de doutrinas que não pode ser questionada por ser vista como uma forma de obter conhecimento. O desacordo é visto como “traição”.
O inimigo é “forte” e ao mesmo tempo “fraco”		As conspirações são usadas para explicar como o inimigo da nação não é forte o suficiente para derrotar a população daquele país e ao mesmo não é fraco o suficiente para não oferecer nenhum risco.
Anti-pacifismo		O regime fascista propaga para os habitantes do país que sempre haverá uma guerra contra o inimigo. Por essa razão o inimigo não poderia ser vencido, pois se assim fosse existiria um Estado pacifista considerado conluio com o inimigo.
Substituição de direitos e deveres individuais por direitos de uma comunidade		A política fascista populariza o conceito de que a “maioria” da população necessita de um líder para transmitir os desejos desse povo, seria o populismo qualitativo. A “voz” do povo viria desse líder.
O uso de uma língua pobre em relação ao léxico e uma sintaxe simples	A linguagem na ideologia fascista possui a função de evocar emoções como: raiva, ódio, admiração, entre outras. O objetivo é colocar a emoção acima da razão.	A língua deve ser simples para que não haja um momento de reflexão e nem críticas ao que é dito.
A identidade da comunidade de seguidores é baseada no heroísmo		O Estado fascista manipula seus seguidores a acreditarem que a sua identidade deve ter como base ser o herói da nação. Os seus adeptos são incentivados a acreditar que a morte é uma recompensa por viver uma vida em prol do país.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Como podemos observar no quadro acima, os autores em diversos momentos expõem características semelhantes do que seria a ideologia fascista, como também em outros momentos cada um traz uma contribuição diferente, o que enriquece o nosso arcabouço

teórico. Portanto, é de suma importância a compreensão da temática em sua totalidade. No capítulo de análise, esse quadro será constantemente revisitado para a leitura das charges.

2.3.5. O cenário brasileiro

Neste tópico será apresentado um panorama sobre o cenário brasileiro. O auge da extrema-direita no Brasil e de ideias conservadoras estão ligadas a diversos fatores, são eles: a) comunidade LGBTQIA+ e feministas tendo visibilidade e políticas públicas nos governos petistas; b) o aumento de políticos neopentecostais e a participação maior deste público na política com o intuito de combater as políticas públicas voltadas à comunidade LGBTQIA+; c) crescimento da violência urbana aliado à propagação das facções criminosas pelo país; d) casos de corrupção descobertos a partir da operação Lava Jato, enfraquecendo a confiança da população na política; e) as manifestações de junho de 2013 (jornadas de junho), inicialmente "sem partido", após uma mesclagem de manifestantes produz a classe demarcada "antipetistas"; f) recessão da economia brasileira por meio da queda do preço das *commodities* (matéria prima que era exportada); g) a utilização das redes sociais como forma de manifestar seu posicionamento político; h) o aumento da popularidade do até então deputado Jair Messias Bolsonaro em torno de 2014, como resposta à política da época, sendo visto como a solução para um Brasil em "desordem". (Gonçalves, 2021)

Nesse contexto, entre 2014 e 2018, a figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, que na época era deputado, surgiu na política brasileira com uma popularidade que partiu primeiramente de uma maior aproximação do público por meio das redes sociais, instrumento que até então não era utilizado pelos políticos com este fim. Em meados de 2017, ele surgiu como um possível candidato à presidência, repleto de polêmicas em relação às suas falas. Nesse período já era apontado como um candidato próximo à extrema-direita e ao fascismo, como afirma Reis e Soares (2020, p. 64):

O discurso de Bolsonaro, que vem angariando muitos adeptos, é tipicamente fascista: fortemente ancorado no conservadorismo – ênfase no nacionalismo, na família tradicional e na religião –, com centralidade para a hierarquia e para a manutenção da ordem, com o recurso da violência como seu garantidor. Paralelamente, aqueles que combateram a ditadura militar são apontados como “terroristas” (é recorrente a tática fascista de apontar agressores como vítimas e disfarçar a agressão como autodefesa).

Nesse trecho, os autores estabelecem uma relação entre o discurso propagado por Bolsonaro ao fascismo, pois as suas falas em público remontam justamente a características

do fascismo: nacionalismo extremo, exaltação à religião cristã (sendo tratada como a única religião aceitável) e à família patriarcal (relembrar o passado mítico no qual o Brasil vivenciava "anos dourados" na época do regime militar), a construção de uma hierarquia natural e a vitimização. Esse discurso aparece inclusive na Câmara dos Deputados em 2014:

Em sessão plenária da Câmara dos Deputados de 9 de dezembro de 2014, Bolsonaro (2014a) apontou o suposto caráter criminoso de Dilma Rousseff (repetiu isso várias outras vezes, inclusive no discurso feito no dia da votação do impeachment) por ela ter participado da luta armada, tendo atuado no sequestro de uma autoridade da ditadura militar e em saques de banco. Acusou-a ainda de, por meio de relações com Cuba e países como Venezuela e Bolívia, tentar “planificar o ideário esquerdista” e “cubanizar” o país, e permitir assim o tráfico de armas e munições, além de dar isenção de visto a milhares cubanos, iranianos e haitianos, “escória do mundo” composta por presidiários e terroristas. Essas acusações se sucedem em tom indignado sem que se articulem logicamente ou se embasem – como afirmado, o discurso fascista prima por mobilizar a emoção dos seguidores e não por racionalidade. Além disso, o patriotismo fascista tende a apontar os out-groups [grupos externos] como “homens sem pátria”, como traidores da nação, como defensores de interesses estrangeiros, e isso está marcado no discurso de Bolsonaro. (Reis; Soares, 2020, p. 64)

Como os próprios autores ressaltam, no discurso de Bolsonaro, em 2014, já existiam suspeitas do seu viés ideológico, já que a todo momento ele se utiliza de estratégias descritas nesta seção ligadas ao fascismo. Reis e Soares (2020) chamam atenção para outras características fascistas ligadas ao ex-presidente como a intolerância em relação à comunidade LGBTQIA+ e o combate ao movimento feminista, partindo do pressuposto de que esses querem destruir a família tradicional (tipicamente ligada ao patriarcado). Seu lema, "Deus, pátria e família", demonstra o seu nacionalismo extremo, bem como sua ligação com a religião e o patriarcado.

É relevante mencionar que, como na ideologia fascista, Bolsonaro se aproxima das populações rurais por meio de figuras do agronegócio brasileiro, justamente com o objetivo de transparecer uma imagem mais próxima dos valores tradicionais e do trabalhador braçal. Pois, ele transmite em seus discursos posicionamento de reprovação em relação aos benefícios sociais, colocando como "preguiçosos" e "privilegiados" aqueles que possuem o benefício. Tendo em vista isso, observamos que existem dicotomias fascistas no governo de Bolsonaro: preguiçoso x trabalhador, esquerda x direita, conservadores x progressistas, entre outros.

Dando continuidade à discussão, os autores afirmam que o discurso de Bolsonaro e seus seguidores é permeado de teorias conspiratórias com o objetivo de desqualificar a educação, as instituições próprias de uma democracia como o Supremo Tribunal Federal (um regulador do poder) e a imprensa. Seu objetivo com isso é desacreditar qualquer instituição

que lhes pareça ameaça em relação à sua manipulação tribal. Além disso, Bolsonaro, em grande parte do seu governo e da sua campanha, incentivou apoiadores a seguir o escritor Olavo de Carvalho, propagador de diversas teorias conspiratórias relacionadas ao Brasil e ao mundo. Reis e Soares (2020) se remontam ao seu discurso em 2017 e em anos anteriores, contudo, ao se tornar presidente suas declarações se tornaram cada vez mais incisivas e próximas da ideologia fascista e da extrema-direita, ao ponto de Stanley (2022), em uma entrevista ao site Valor (grupo Globo), em novembro de 2022, intitular o ex-presidente como "um tipo clássico de fascista latino-americano."

Portanto, a figura do ex-presidente esteve atrelada à ideologia fascista desde as suas primeiras aparições públicas, o que favoreceu a construção de gêneros textuais alinhados a essa perspectiva, a exemplo do gênero charge.

3 METODOLOGIA

Considerando os objetivos ditos aqui, nossa proposta de pesquisa é explicativa, se utilizando do método qualitativo para a análise de dados. Nesse sentido, acreditamos nos enquadrar no conceito apontado por Severino (2014, p. 107): “A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.” Nossa proposta utiliza justamente o método interpretativo para a análise dos dados. A natureza da fonte dos nossos dados é a documental, que pode ser definida por Severino (2014, p. 106-107) como:

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

O nosso *corpus* é composto por três charges coletadas no Twitter do chargista Jota Camelo no segundo semestre de 2022. O autor se assume na rede social como um “chargista de esquerda”, nesse sentido, suas obras estão ligadas a ideias da esquerda brasileira. Dessa forma, foram selecionadas as charges que se adequaram aos seguintes critérios: a) charges divulgadas no Twitter oficial do artista no mês de outubro de 2022; b) charges com elementos verbais e não verbais que se relacionam com o fascismo; c) charges com um personagem que se relaciona com o fascismo na realidade brasileira.

O primeiro critério selecionou 19 obras, dessas 19 o segundo critério retirou 8 e sobraram 11 obras. Por fim, o último critério foi crucial para a escolha das três analisadas. Sendo assim, nosso método de coleta é o levantamento no meio digital. A técnica que utilizamos para a análise é a própria Análise do Discurso aqui mencionada e contextualizada no nosso arcabouço teórico. Ao dissertarem sobre a técnica, Rodrigues e Melo (2020, p. 4) afirmam:

[...] o discurso é considerado para se referir a toda ordem de texto falado ou escrito e sócio-culturalmente contextualizado, seja quando ocorre nas conversações das pessoas, seja nos depoimentos dos entrevistados; num discurso oralizado ou não; um texto de um filme; de uma novela; de uma composição musical; de um artigo de jornal ou de um livro, científico ou não. Portanto, os analistas tomam o discurso como tópico e material próprio de análise, interessados que estão em desnudá-lo de suas aparências, em busca da essência real, ou seja, do que está nas “entrelinhas” do texto, com vistas a desvendar as ideologias subjacentes, inerentes às falas, veiculadas

nos discursos analisados, isto é, os sentidos dos discursos e seus efeitos sociais. Dessa forma, a conceituação de AD evidencia a necessidade de um esforço de inteligibilidade, interpretação e compreensão por parte do analista-pesquisador, para transcender o simples significado literal ou a frequência com que as palavras aparecem no texto, para compreender a produção de significado contextual do discurso, tomado como unidade-estrutural de análise, visando apreender os sentidos significativos, construídos e atribuídos pelos próprios sujeitos no mundo social em que convivem.

A primeira etapa da pesquisa é a leitura do arcabouço teórico; a segunda etapa é a seleção das charges do autor citado para análise; a terceira etapa é a análise dos dados relacionando o arcabouço teórico com o gênero investigado; por fim, são expostos os resultados da pesquisa e as contribuições que a mesma trouxe para a área da linguística e das ciências humanas. Os autores utilizados para a nossa pesquisa são Matias, Moura e Maia (2017), Matias e Maia (2014), Teixeira (2001), Fiorin (2011), Brait (2008), Chauí (1980), Souza e Souza (2013), Eco (2018), Heywood (2010), Reis (2018), Alves (2015), Fonseca (2013), Stanley (2018), Gonçalves (2021), Reis e Soares (2020), Carro (2022), Alves (2015), Dias (2018) e Neto (2021).

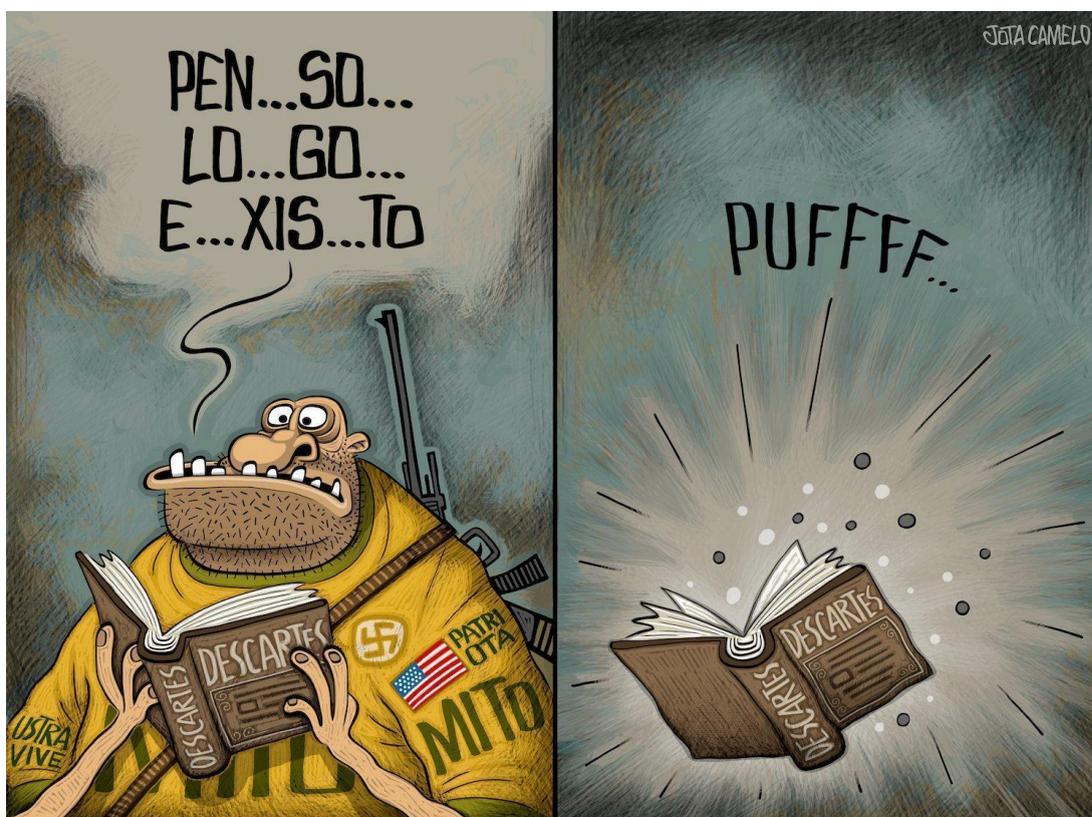
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, três charges do autor Jota Camelo, retiradas da rede social Twitter, serão analisadas com o intuito de apresentar como a construção do sujeito fascista é realizada. Esta seção é dividida em três subseções, sendo cada uma dedicada a análise de uma charge.

4.1. Charge 1 - "Penso logo existo"

A primeira charge, apresentada na Figura 1, publicada em 10 de outubro de 2022, apresenta um personagem armado segurando e lendo um livro de Descartes. O personagem lê, em pensamento, a frase: "Pen...so..., lo...go... e...xis...to". Aparentemente o pensamento, e consequentemente a leitura, são realizados de maneira lenta, como é indicado pelas reticências no meio e no fim das palavras, remetendo a uma dificuldade na decodificação (necessária no processo de leitura) e a um grau mínimo de letramento.

Figura 1 – Charge “Penso logo existo”



Fonte: CAMELO, 2022.

O personagem veste uma camisa com as cores verde e amarela, na qual tem gravada a bandeira dos Estados Unidos no braço direito junto à palavra "Patriota". Acima da bandeira está o símbolo do governo Nazista, e abaixo a palavra "Mito". Essa palavra é usada também na estampa principal da camisa. No braço esquerdo, temos as palavras "Ustra vive". O cinza e o preto são cores predominantes na charge, o que atribui à imagem um tom sombrio, fúnebre ou até mesmo tenebroso.

No segundo quadro, percebemos que ele desaparece após a leitura silenciosa da frase de Descartes. Isso é corroborado pela expressão, "puffff", que seria a onomatopéia utilizada nas charges e em gêneros em geral que se utilizam dessas expressões para simbolizar o som que o personagem faz ao desaparecer repentinamente. O humor da charge surge deste fato: ao desaparecer, o personagem faz jus à frase que leu ("Penso, logo existo"), demonstrando que provavelmente o indivíduo retratado não pensa.

Percebemos que a construção da charge adota uma postura crítica em relação ao posicionamento político do personagem apresentado na Figura 1, que se refere a um apoiador do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Nesse sentido, a charge menciona diversos discursos relacionados à situação política no Brasil em 2022. Os três discursos citados de maneira verbal e não verbal são o armamentista (no primeiro quadro, pela presença da arma nas costas do personagem), anti-intelectualista (quando é citado no primeiro quadro a máxima de Descartes "penso, logo existo" e, em seguida, o personagem desaparecendo, assim sugerindo que o mesmo não existe, pois não pensa) e o nacionalista (por meio das cores da camisa do personagem remetendo às cores da bandeira do Brasil e relebrando o uniforme da seleção brasileira utilizada por muitos anos no futebol). Esses discursos estão presentes por meio do fenômeno da interdiscursividade: um dizer apoiado em um discurso com o qual concorda/discorda. A intertextualidade ocorre principalmente ao ser citado Descartes e sua máxima, já que aparecem textualmente. O discurso de Descartes se mostra no fio textual de maneira demarcada, assim poderíamos dizer que é um discurso alheio demarcado.

Ao retratar um personagem armado, o discurso não verbal afirma que o mesmo é a favor do porte de armas, o que no cenário brasileiro na época o aproxima de um eleitor do presidente regente. Em um governo fascista a arma pode simbolizar o poder da cultura patriarcal, como pode ser observado em uma das características do fascismo apontada por Eco (2018).

Ademais, a arma também pode simbolizar a prontidão em defender a nação contra elementos (países, ideologias etc.) que ameacem o espaço ou a identidade de um povo. Associado a isso, o autor constrói o personagem com a camisa verde e amarela, remetendo ao

uniforme da seleção brasileira de futebol (algo de destaque em nossa cultura), utilizada principalmente pelos apoiadores do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. Isso é reforçado pela palavra "mito" que era continuamente proferida pelos mesmos ao se referirem ao ex-presidente. A palavra "patriota" junto à bandeira dos Estados Unidos está também interligadas ao ex-presidente e seus aliados, já que os mesmos defendem que existe uma nação a ser defendida, contudo sua inspiração e defesa pareciam se concentrar na nação dos estadunidenses. Aqui temos elementos suficientes associados a duas características do fascismo: culto a uma nação (patriotismo extremo) e enaltecimento de um líder.

Esses elementos e a referência ao coronel Carlos Brilhante Ustra (“Ustra vive”), acusado de praticar tortura na época da ditadura militar vivenciada no Brasil entre 1964 e 1985³, interligam a charge ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e conseqüentemente ao fascismo, já que o símbolo nazista (corrente fascista-suástica) está na camisa que o personagem usa e seu discurso é associado à característica fascista em que os erros do passado são "apagados".

A escolha do filósofo e da sua máxima não foram por acaso: sua escolha se remete à razão, tal qual sua máxima. Ao fim da charge deduzimos que o personagem não pensa, o que nos remete novamente ao fascismo. Assim, em meio aos diversos discursos retratados na charge, o discurso anti-intelectualista ganha evidência. Esse discurso ocorre quando o chefe de Estado e seus representantes atacam e se manifestam contra as instituições educacionais do país, bem como fazem essas instituições serem alvos de desconfiança por parte da população. Além disso, é comum acusações de que a educação no país está doutrinando a população por meio de um “marxismo cultural”. No contexto brasileiro, tivemos diversas falas do ex-presidente que se remeteram a esse aspecto, por exemplo na sabatina realizada pela *Rede TV!*, em setembro de 2022, em que o então candidato à reeleição, ao discursar sobre educação, disse:

Nós ficamos dois anos parados nessa questão [da educação]. A nossa proposta está vindo à frente, a educação transatlântica, você não tem como botar um cavalo de pau nela. Você tem que tirar esse método Paulo Freire de lá, porque não levou o Brasil a progresso nenhum. Muito pelo contrário, levamos em grande parte a uma fábrica de militantes em todo o Brasil. Eu fui contra o Fique Em Casa para alunos, e aí, decisão superior do Supremo, governadores, prefeitos...A autonomia dos próprios reitores, resolveram deixar todo mundo em casa. [...] Você pega os livros escolares do nosso

³ O ex-presidente posiciona-se de maneira contrária às acusações de tortura que existem em relação ao coronel citado. Isso se verifica a partir de fala em 31 de agosto de 2016 quando, no impeachment da presidente Dilma Rousseff, o até então deputado Jair Messias Bolsonaro diz em seu discurso: "Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim".

governo agora: o pai pode ficar tranquilo. Não tem nada tentando levar para a ideologia de gênero o seu filho em escolas. Tinha uns livros absurdos, simulando as crianças fazendo sexo. Ou seja, deturparam o ensino fundamental via ideologia de gênero, entre outras coisas. Estamos mudando isso tudo, já mudamos muitas coisas. (Bolsonaro, 2022, grifo do autor)

Podemos observar que o candidato difama a imagem do educador Paulo Freire, bem como do seu método, acusando que a educação do país está doutrinando os alunos partindo do seu método e fabricando militantes. Além disso, acusa os governos anteriores de usar os livros para influenciar os alunos a práticas sexuais e a mudanças de gênero. De maneira geral, nesse discurso o candidato não apenas deturpa a educação do país – que não utiliza sequer o método – como também distorce o método Paulo Freire, já que este “apenas” propaga em seus livros uma educação libertadora, no qual o educando entende criticamente o contexto social no qual está inserido e suas implicações.

Em dezembro de 2019, no seu primeiro ano de mandato, Bolsonaro, ao falar sobre as universidades federais e seus estudantes disse: “Entre as 200 melhores universidades do mundo, tem alguma brasileira? Não tem! Isso é um vexame! O que que se faz em muitas universidades e faculdades do Brasil, o (que o) estudante faz? Faz tudo, menos estudar.” (Bolsonaro, 2019). Nessa declaração, o ex-presidente demonstra crer que a universidade no Brasil não é um local de produção de conhecimento. Já no seu último ano de mandato, em uma declaração, o ex-presidente deixa claro seu descontentamento com a universidade e a acusa de militar contra a sua figura: “Sabemos que, nas universidades, a militância é enorme. É um ‘carnaval’ contra a minha pessoa. Eu estou quase contra tudo e contra todos” (Bolsonaro, 2022).

É relevante mencionar que o seu mentor, Olavo de Carvalho, cita Paulo Freire no seu livro “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” e afirma que o educador, com o seu método, instrui alunos a seguir a ideologia comunista:

As técnicas que inventou foram aplicadas no Brasil, no Chile, na Guiné-Bissau, em Porto Rico e em outros lugares. Não produziram nenhuma redução das taxas de analfabetismo em parte alguma. Produziram, no entanto, um florescimento espetacular de louvores em todos os partidos e movimentos comunistas do mundo. (Carvalho, 2013, p. 292)

Levando em consideração suas declarações, a opinião do seu mentor sobre Paulo Freire e seu método, podemos entender que o ex-presidente demonstra descontentamento em relação à educação do país, bem como acredita que a educação produz militantes. Ao fim dessa contextualização, retornamos aos discursos no gênero analisado.

Assim, os discursos retratados na charge nos conduzem a uma construção de uma identidade fascista com cinco das características apontadas na seção "Características da ideologia fascista": 1) o culto a uma nação, o que seria o patriotismo extremo; 2) o passado mítico exaltado, com os erros do passado sendo "apagados"; 3) a propagação do irracionalismo na população – é imprescindível que a população em um governo fascista faça a ação pela ação, sem pensar no porquê de sua ação; 4) a cultura patriarcal sendo exaltada por meio de símbolos de poder, como o armamento para transparecer a masculinidade; 5) o enaltecimento de um líder escolhido para a nação. O discurso foco da crítica do chargista é o discurso anti-intelectualista, que seria nossa terceira característica. Conclui-se, então, que o sujeito fascista é representado na charge "Penso logo existo" como desprovido de intelecto e que está sendo usado como "massa de manobra" por idealizadores de um movimento fascista brasileiro.

4.2. Charge 2 - "Exorcismo"

Na segunda charge, apresentada na Figura 2, publicada em 15 de outubro de 2022, o autor apresenta dois personagens em um contexto de exorcismo. Um dos personagens faz o papel de "padre" ou "pastor", sendo o responsável pelo exorcismo. O personagem veste uma camisa vermelha estampada com uma estrela branca, com a gola e o fim das mangas na cor laranja. Complementando o visual, usa short e sapatos azuis com meias brancas. Ele segura panfletos de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a presidente na campanha ocorrida na época em que foi postada a charge. Ao segurar os panfletos, ele diz: "Em nome do povo trabalhador", "Sai desse corpo capetão", fazendo referência ao ato de proferir palavras de ordem ao exorcizar a pessoa que está aparentemente possuída.

Figura 2 – Charge “Exorcismo”



Fonte: CAMELO, 2022.

O segundo personagem, que está sendo “exorcizado”, com camisa verde e amarela, se debate no chão enquanto pronuncia as palavras “Privatiza tudo”, “Estado mínimo” e “Viva a ditadura”. Podemos perceber isso por meio das linhas que são colocadas ao redor do seu corpo simulando movimentos bruscos, da sua camisa que parece estar levantada justamente pela sua agitação e pelos seus sapatos que parecem estar danificados pelos movimentos no chão. Além dos movimentos corporais, o personagem demonstra estar salivando com a boca aberta, demonstrando estar desorientado mentalmente. Todas essas características reunidas são utilizadas para denotar alguém que, em algumas religiões, é tido possuído.

Nesta Figura 2, o chargista mantém sua posição crítica em relação à ideologia propagada por Bolsonaro. Podemos identificar na charge quatro discursos presentes de maneira verbal e não verbal: o nacionalismo extremo (pela presença do personagem, já citado

na charge da Figura 1, com a camisa verde e amarela, a suástica, etc.), o passado mítico (relacionada à ditadura militar “Viva a ditadura” e “Ustra vive”), o irracionalismo (relacionado ao uso das palavras “estado mínimo” e “privatiza tudo”) e a voz de um líder sendo considerada a voz do povo (relacionada aos seguidores propagarem ideias do ex-presidente sem reflexão dos seus conteúdos). Novamente, esses discursos ocorrem na malha textual por meio da interdiscursividade e da intertextualidade.

Observamos que o autor retoma o personagem ligado à figura de um apoiador de Jair Messias Bolsonaro (Bolsonaro) e acrescenta um eleitor de Luís Inácio Lula da Silva (Lula). Sendo assim, o autor quis retratar uma oposição ideológica por meio dos personagens, suas ações e suas caracterizações. O personagem vestido de vermelho e com a estrela na camisa, que simboliza o PT (Partido dos Trabalhadores), representa o “padre” ou “pastor” no “exorcismo”, como se quisesse resgatar o indivíduo de verde e amarelo do delírio mental vivenciado; isso é feito com a evocação de palavras de ordem (“Em nome do povo trabalhador”, “Sai desse corpo capetão”) direcionadas ao sujeito de verde e amarelo dominado pela ideologia que repete as palavras que lhe foram ditas (“Privatiza tudo”, “Estado mínimo” e “Viva a ditadura”).

O criador da charge representou um eleitor de Lula como alguém que está tentando fazer o outro sair desse devaneio mental. Ao dizer “Em nome do povo trabalhador”, esse personagem se coloca como defensor dos trabalhadores brasileiros – e conseqüentemente dos seus direitos. Já ao dizer “Sai desse corpo capetão”, está textualmente se referindo ao ex-presidente Bolsonaro e à sua influência diante dos seus apoiadores, pois em sua campanha era comum ser chamado de “capitão” (palavra próxima a “capetão” em sua forma gráfica/fonética) por ter sido a sua patente no exército, outra interpretação também possível é a similaridade da palavra “capetão” com a palavra “capeta” que possui as mesmas semelhanças fonéticas e fonológicas. Essa forma de chamar está relacionada à hierarquia militar vista em governos fascistas; segundo Stanley (2018) e Eco (2018), é inspirada no meio militar e quem detém o maior poder é o líder fascista.

Ao analisarmos o personagem que representa um eleitor de Bolsonaro, compreendemos que o indivíduo se torna tão vidrado pela figura do “capitão” que acaba repetindo o que ele diz sem uma devida reflexão, o que levaria o autor a retratá-lo como alguém “dominado” pela ideologia a ponto de parecer “possuído”. Esse aspecto relacionaria Bolsonaro e seus seguidores à característica comentada por Stanley (2018) e Eco (2018) que aponta que um político fascista propaga uma lealdade tribal que trocaria a realidade pelos

pronunciamentos de um sujeito: o líder. Partindo disso, a população faria a ação pensando apenas no que seu líder diz e não analisando a situação ao todo.

Os temas mencionados na charge são: a defesa da privatização de empresas estatais por Bolsonaro (“Privatiza tudo” e “Estado mínimo”) e a retomada do que é considerado um passado glorioso para a nação, com erros sendo maquiados ou “apagados”. Na citação abaixo, retirada do site Terra (2018), é comentada a opinião do ex-presidente sobre o Estado mínimo⁴, quando ainda era deputado.

O pré-candidato à Presidência da República pelo PSL, deputado Jair Bolsonaro (RJ), defendeu nesta quarta-feira, em evento organizado pela Confederação Nacional de Municípios, a diminuição do tamanho do Estado, e se posicionou favorável à redução de impostos. O presidenciável relatou que em conversas sobre a situação econômica do país com sua equipe, levantou a possibilidade da redução da carga tributária, aliada a medidas de redução dos gastos públicos e aumento da arrecadação. "Vamos economizar, sim, mas também vamos trabalhar para entrar recursos no caixa sem aumentar imposto", disse o deputado em discurso para prefeitos. "Coloquei na mesa: 'Dá para diminuir impostos?'. Porque aumentar não passa pela minha cabeça", afirmou: "O Brasil na questão da economia é um avião que está indo bater na montanha, algo tem que ser feito, não adianta querer salvar a União, o Estado ou o município quebrando o cidadão."Ao defender a redução do Estado, Bolsonaro disse ainda que um Estado "enxuto" fica "menos vulnerável à corrupção". (Terra, 2018)

Como observamos, a posição da figura pública é de que é essencial “enxugar” o Estado, ou seja, diminuir o que ele considera não ser essencial. Dessa forma, ele se coloca como favorável ao conceito de Estado mínimo. Sua concepção de como o Estado deve ser em relação às finanças também aparece quando, em agosto de 2020, em uma postagem na rede social Facebook, ele comenta sobre a privatização⁵ de estatais: “O Estado está inchado e deve se desfazer de suas empresas deficitárias, bem como daquelas que podem ser melhor administradas pela iniciativa privada” (Bolsonaro, 2020).

Considerando suas falas, depreendemos que a posição do ex-chefe de Estado é favorável ao Estado mínimo, bem como à privatização de estatais e, como comentou sobre a temática, é provável que esses comentários tenham se tornado formas de influenciar seus simpatizantes a favor dos dois conceitos aqui apresentados. Sobre o passado mítico e glorioso,

⁴ Estado mínimo é o nome dado à ideia de que o papel do estado dentro da sociedade deve ser o menor possível, deixando o mesmo a cargo apenas das atividades consideradas “essenciais” e de primeira ordem. Esse conceito é uma noção encontrada dentro de uma variedade do chamado liberalismo. Os liberais alegam que a excessiva intervenção do estado na economia atrapalha o cálculo econômico e a racionalidade empresarial, o que resulta em um menor progresso de uma sociedade. (Reis, 2020)

⁵ Privatização é o processo de venda de uma empresa ou instituição pública para a iniciativa privada, juntamente com a sua responsabilidade de prestação de seus serviços. As privatizações são geralmente realizadas por meio de leilões públicos e é uma prática realizada em vários países. (De Souza, 2024, p. 3)

que aparece por meio do “Viva a Ditadura”, Bolsonaro sempre transpareceu sua posição em relação à Ditadura no Brasil. Como citamos neste trabalho, o mesmo enalteceu o golpe de 1964 em diversos momentos de sua trajetória política. É importante citar que o incentivo para a população acreditar na irrealidade ocorre, segundo Stanley (2018), quando o governante incita a população a acreditar em mentiras ditas sobre diversos assuntos, um deles sendo justamente sobre a história do seu próprio país.

Levando em consideração os discursos retratados na segunda charge, o autor nos conduz a uma construção de uma identidade fascista com quatro das características apontadas na seção "Características da ideologia fascista": 1) O nacionalismo extremo; 2) O passado irreal; 3) A hierarquia inspirada no meio militar; 4) A voz de um líder sendo a voz de uma “nação” (e conseqüentemente dos seus seguidores). O foco da crítica do chargista foi o discurso de que a ideologia pode dominar uma população de tal forma que ela acredite que aquilo é a sua única verdade, que seria nossa quarta característica. Conclui-se então que o sujeito fascista é representado na charge “Exorcismo” como alguém que não reflete sobre suas ações e apenas repete o que o seu líder recomenda ou apoia sem o senso crítico adequado.

4.3. Charge 3 - "Bolsonarista no psicanalista"

Na terceira charge, apresentada na Figura 3, publicada em 28 de outubro de 2022, o autor volta novamente a apresentar o personagem de verde e amarelo com as características exploradas anteriormente. Nessa charge, o autor apresenta o personagem com a nomeação “bolsonarista”, no título “Bolsonarista no psicanalista”.

Figura 3 – Charge “Bolsonarista no psicanalista”



Fonte: CAMELO, 2022.

O chargista apresenta o personagem bolsonarista (vestido da mesma forma que nas demais charges, de camisa verde e amarela estampada com as frases *Ustra Vive* e *Mito*) conversando com um psicanalista no seu consultório. O paciente quer entender seu sonho que revela ser da seguinte forma: “Ontem sonhei que estava numa reunião da Ursal e um satanista me ofereceu um kit gay. Saí correndo, fui pedir ajuda para um pastor, mas o Lula fechou a igreja. Daí, veio um chinês que me deu uma vacina com um microchip e eu virei jacaré. Depois, um grupo de petistas me levou para um banheiro unisex, eu saí correndo, tropecei numa mamadeira de piroca e caí da terra plana”. Em seguida, ele pergunta ao psicanalista: “O que significa este sonho?”

O psicanalista está vestido formalmente com camisa branca e o que aparenta ser um blazer azul. Ademais, está assustado, o que podemos deduzir pela sua expressão facial com olhos arregalados, demonstrando espanto com o que está sendo dito pelo seu paciente. O que o próprio diz confirma nossa tese: “Significa que o Brasil tá fudido”. Seu paciente quer entender seu sonho, mas ao tentar explicar o sonho é perceptível que não existe um processo

mental completo, pois o personagem apenas diz várias ações que ocorrem no sonho, uma atrás da outra, de forma rápida e sem nenhuma reflexão. Sua fala remete a conspirações propagadas pela direita brasileira e pelo ex-presidente Bolsonaro. Neste caso, algumas conspirações estão ligadas ao conservadorismo, outras estão ligadas à ciência e à esquerda (China, Lula, vacina, kit gay). A cena captada na charge tem uma ambientação sombria, com tons cinza e preto mais presentes que as demais cores. Além disso, existe uma escultura de Sigmund Freud (criador e maior precursor da psicanálise) na mesa entre o psicanalista e o outro personagem, com uma expressão também de espanto, com olhos arregalados olhando para o personagem intitulado “bolsonarista”. Em sua obra principal, Freud diz que os sonhos seriam repletos de símbolos que tratam de manifestações distorcidas da realidade do paciente (Morettini, 2023).

O autor mantém sua postura crítica em relação ao personagem apresentado nas duas últimas charges. A construção do seu produto literário teve como base cinco discursos presentes de maneira verbal e não verbal: O anti-intelectualismo (negação de fatos científicos, como a afirmação da “terra plana”), a irrealidade (o personagem Bolsonarista demonstra acreditar em teorias da conspiração ao invés da realidade), a obsessão pela conspiração (ao contar o seu sonho o personagem cita diversas teorias da conspiração), o receio à diferença e à diversidade (o paciente demonstra medo em relação à comunidade LGBTQIA+ e suas supostas ações) e a divisão da população em dois grupos (ao relacionar “Lula”, “grupo de petistas” e “um chinês” a atos problemáticos, o personagem demonstra existir uma diferenciação imposta). Como nas demais charges, os discursos estão na malha textual por meio da interdiscursividade e intertextualidade.

O anti-intelectualismo foi um tema propagado pelo ex-presidente Bolsonaro e seus ministros durante o seu mandato. O historiador Jorge Barcellos (2020) afirmou, em 2020, logo após Bolsonaro tentar nomear reitores da sua escolha ao invés dos reitores da tríplice escolhidos pelo colegiado, que existia uma política anti-intelectualista no governo Bolsonaro.

A tentativa de Jair Bolsonaro de intervir na nomeação de reitores para as universidades foi rechaçada pelo Congresso no último dia 12, o que obrigou o presidente a recuar de sua posição, mas essa iniciativa não deve passar batido. Não é a primeira vez que o governo federal ataca as Instituições de Ensino Superior (IES). Em 2019, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, acusou as universidades de fazerem “balbúrdia”, bloqueou 30% das dotações orçamentárias e, um ano depois, excluiu a área de humanidades de bolsas federais de iniciação científica. Imaginar a mais recente intervenção governamental como ato isolado, que se encerrará com a negativa do Legislativo, é um erro. Trata-se de parte de um projeto de repressão à liberdade acadêmica. Comprometida com a ciência, a universidade se tornou uma inimiga do presidente – uma comunidade cuja liberdade precisa ser cerceada. O ataque à independência na eleição de seus reitores se deu porque é esta que garante a independência da universidade do poder econômico e político, dando-lhe estabilidade e protegendo seus professores e funcionários. (Barcellos, 2020)

Segundo o historiador, Bolsonaro e seus aliados sempre tiveram interesse em intervir na liberdade acadêmica que as universidades oferecem, como o mesmo complementa:

Para o presidente, tudo o que representa atividade intelectual lhe ameaça. Da extinção do Ministério da Cultura, que se transformou numa pasta do ministério do Turismo, às investidas contra a Fundação Casa Rui Barbosa, passando pela retirada de direções competentes em vários órgãos e sua substituição por bolsonaristas sem perfil intelectual e de pesquisa, é sempre o ataque à capacidade de pesquisa, do conhecimento, de avaliação crítica dos fatos e de poder distinguir o que é falso do verdadeiro que vem sendo trilhado – um caminho certo para a imposição da intolerância através do anti-intelectualismo. (Barcellos, 2020)

Nessa fala, um trecho nos chama atenção: “*É sempre o ataque à capacidade de pesquisa, do conhecimento, de avaliação crítica dos fatos e de poder distinguir o que é falso do verdadeiro que vem sendo trilhado*” (Barcellos, 2020, grifo nosso).

Barcellos (2020) acredita que o cerceamento da universidade teria como objetivo atacar, entre outras coisas, a avaliação crítica e conseqüentemente o distinguir do que seria verdadeiro ou falso pela população. Essa ação é imprescindível para um governo que planeja disseminar a população que as teorias da conspiração são verídicas e causar sentimentos fortes (ódio, medo, revolta) pois mais tarde estes serão utilizados para manipular a massa popular, como demonstram Eco (2018) e Stanley (2018) ao mencionarem o anti-intelectualismo, a irrealidade e a obsessão pela conspiração como características de um governo fascista.

Analisaremos cada frase do sonho do personagem bolsonarista, já que o mesmo cita diversas teorias da conspiração, o que aparenta ser o foco principal do criador. O personagem inicia sua fala com: “Ontem sonhei que estava numa *reunião secreta da Ursal e um satanista me ofereceu um kit gay*” (Camelo, 2022, grifo nosso). Ao se referir a *uma reunião secreta da Ursal*, o personagem faz ligação com a teoria da conspiração que diz que existe um plano para unificar toda a América Latina, tendo apenas um partido válido, um partido socialista chamado União das Republichetas Socialistas da América Latina (URSAL). Segundo o Uol (2018), o termo foi inventado pela socióloga Maria Lucia Victor Barbosa, citado no artigo “Os companheiros”, e foi publicado em sites como o de Olavo de Carvalho em dezembro de 2001. Olavo de Carvalho usou o termo novamente no “Diário do Comércio”, em 1º de maio de 2006, e em 9 de abril de 2015 foi criado o site “Dossiê Ursal”, cujo criador nunca foi descoberto. A sigla seria uma forma de ironizar o encontro do Foro de São Paulo realizado

em Havana⁶. Tanto a criadora da sigla quanto o site Uol informaram nunca haver uma integração econômica dos países da América Latina com o objetivo de aderir ao socialismo (Uol, 2020, grifo nosso).

Quando o personagem fala sobre *um satanista* lhe oferecer algo, está fazendo referência ao fato de que o Bolsonaro coloca os eleitores de Lula (e o próprio Lula) com o estigma de serem seguidores de Satã por apoiarem a diversidade religiosa (ou de não apoiarem uma só religião), enquanto que Bolsonaro demonstra apoiar apenas a religião em torno do viés cristão, como os católicos e os evangélicos. Assim a CNN Brasil pontua em setembro de 2022:

Os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL), que lideram as pesquisas de intenção de voto segundo o agregador de pesquisa CNN/Locomotiva, abordaram nesta sexta-feira (2) o tema da religião durante eventos de campanha. Lula defendeu um Estado laico, enquanto Bolsonaro exaltou o cristianismo. Durante um encontro com “povos da floresta e das águas”, em Belém, no Pará, o petista destacou que, apesar de católico, irá respeitar todas as religiões, caso eleito. “Todo mundo tem direito de crer no seu Deus e professar a sua fé”, disse. [...] O ex-presidente ainda defendeu que as igrejas não manifestem posicionamento político. “Eu sou católico e acho que, da mesma forma que o Estado não pode ter religião, a igreja não pode ter partido”, pontuou. [...] Bolsonaro também falou sobre a temática religiosa nesta sexta-feira, durante discurso na feira de agronegócio Expoiner, em Esteio, no Rio Grande do Sul. Ele disse que a tradição do país é judaico-cristã e que não admitirá “retrocesso”. “As nossas cores são as verdes e amarelas e a nossa tradição é a judaico-cristã. Nosso país é majoritariamente de cristãos e não admitiremos qualquer retrocesso nessa área, porque temos um povo e Deus ao nosso lado”, declarou. (Cerqueira e Ferraz, 2022)

Nesse trecho, percebemos que Bolsonaro acreditava ser um “retrocesso” a aceitação de outras religiões na nossa sociedade, o que no contexto da análise reafirma a presença do estigma, não só aos eleitores de Lula, mas também às pessoas que não escolheram a religião evangélica/católica.

Por fim, ao mencionar o *kit gay*, é citada mais uma teoria da conspiração. A conspiração, propagada e divulgada por Bolsonaro e seus filhos, diz que Fernando Haddad, ministro da educação a partir de 2005 no governo Lula, distribuiu, para crianças e pré-adolescentes, uma cartilha em 2010 intitulada “Aparelho sexual e cia – Um guia inusitado para crianças descoladas”, incentivando a sexualidade precoce e expondo as crianças a

⁶ A socióloga Maria Lucia Barbosa relatou ter ficado perplexa ao ouvir a menção à Ursal no debate. “A Ursal foi uma brincadeira que virou uma teoria conspiratória”, disse em entrevista por telefone ao projeto Comprova. Ela confirmou que em 2001 usou o termo em artigo sobre o Foro de São Paulo, entidade formada por partidos e movimentos de esquerda criada em 1990 e que reúne 113 membros de 26 países. No texto, ela criticava a postura de Luiz Inácio Lula da Silva ao falar sobre a Alca (Área de Livre Comércio das Américas), proposta dos Estados Unidos, que não chegou a sair do papel, para integrar as Américas. “Mas qual seria, me pergunto, essa tal integração no modelo Castro-Chávez-Lula? Quem sabe, a criação da União das Republiquetas Socialistas da América Latina (Ursal)?”, escreveu na época (Uol, 2018).

conteúdo pornográfico em um projeto chamado “Escola sem Homofobia”. O objetivo, segundo o ex-presidente, era estimular que as crianças se tornassem LGBTQIA+ e acabar com a sua inocência (Gazeta do povo, 2018).

Contudo, toda a narrativa propagada pelo ex-deputado foi negada por todas as partes envolvidas. Segundo Veiga (2021), em 2010 houve a criação do projeto “Escola sem Homofobia” com o objetivo de orientar professores a tratar de cidadania e dos direitos humanos da população LGBTQIA+. Seu material era escolhido pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), a Pathfinder Brasil, a ECOS-Comunicação em Sexualidade e a Reprolatina-Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva. O material anexado ao projeto criado pelo Ministério da educação nunca distribuiu o livro “Aparelho sexual e cia”, muito menos saiu do papel. Após duras críticas no congresso de dois então deputados na época, Bolsonaro e Anthony Garotinho, o projeto não foi lançado (Gazeta, 2018).

Além do projeto nunca sair do papel, o livro nunca sequer foi mencionado no material, como afirma a própria editora do livro aqui no Brasil, a Companhia de Letras. Segundo Veiga (2021):

[...] a editora classifica como "errônea" a afirmação de Bolsonaro na época, lembrando que o livro não fez parte "de nenhum suposto 'kit gay'" e nunca havia sido distribuído pelo MEC. "O Ministério da Cultura comprou 28 exemplares em 2011, destinados a bibliotecas públicas", diz a nota.

Bolsonaro e sua família difundiram tal conspiração de forma tão discriminada que na eleição de 2018 já ocorreu penalizações em relação a essa narrativa como pontua o site Congresso em foco (2020):

Durante a eleição, o então candidato à presidência, Jair Bolsonaro, utilizou o livro "Aparelho Sexual e Cia - Um guia inusitado para crianças descoladas", do suíço Phillipe Chappuis, publicado no Brasil pela Companhia das Letras, para afirmar que fazia parte do "kit gay". O material, porém, jamais fez parte do projeto. À época, o ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Carlos Horbach, determinou a suspensão de links de sites e redes sociais com a expressão "kit gay". A representação tinha como alvos o então presidenciável do PSL e seus filhos Flávio Bolsonaro, e Carlos Bolsonaro. Eles reproduziram conteúdo que afirmava que o livro Aparelho Sexual e Cia tinha sido distribuído em escolas públicas pelo Ministério da Educação quando Haddad era o ministro da pasta.

No período eleitoral foi realizada uma pesquisa IDEIA Big Data/Avaaz que afirmou que 85,2 % dos eleitores de Bolsonaro acreditavam nessa informação. Isso demonstra o baixo senso crítico dos seus eleitores e sua ligação com a irrealidade, pois mesmo com a mídia

tradicional divulgando os fatos, preferem acreditar no seu “líder”. Aqui, nesta primeira frase analisada, já notamos a presença forte do incentivo à irrealidade e do anti-intelectualismo por parte do ex-presidente Bolsonaro para com seus seguidores, tendo como foco difamar e “manchar” a imagem dos seus então concorrentes à presidência. Essas ações estão diretamente ligadas ao que Eco (2018) e Stanley (2018) comentam sobre o governo fascista e sua relação com o incentivo ao anti-intelectualismo e o impulsionamento a teorias da conspiração e à irrealidade, levando em consideração que um dos objetivos das teorias seria justamente difamar a moral e a ética de seus alvos.

O personagem continua seu relato: “Saí correndo, *fui pedir ajuda para um pastor, mas o Lula fechou a igreja.*” (Camelo, 2022, grifos nossos). Nessa frase, o personagem afirma que Lula fechou a igreja no seu sonho e que descobriu isso ao pedir ajuda ao pastor para salvá-lo do kit gay. Essa relação faz sentido quando pensamos que em outubro de 2022 foi divulgada a imagem de dois prints com postagens do candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva. Nessas postagens, o candidato se posicionava a favor do fechamento das igrejas, caso essas se recusassem a realizar casamentos entre casais LGBTQIA+. Veja na figura 4 a imagem que foi disseminada nas redes sociais.

Figura 4 – Postagens inverídicas associadas ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva



Fonte: CNN Brasil, 2022.

Essa teoria da conspiração teria como objetivo relacionar Lula ao fechamento de igrejas por causa da população LGBTQIA+, ou seja, essa narrativa teria o propósito de caluniar o candidato e seu posicionamento em relação a esse público e a luta da comunidade

LGBTQIA+ contra a homofobia. Essa teoria seria difundida para causar pânico e medo, utilizando a aversão à diferença e à diversidade que alguns possuem. Isso pode ser usado para manipular o voto e a opinião da massa popular sobre a figura pública citada. A assessoria do candidato negou que essa declaração tenha ocorrido. Os prints foram contestados pelos principais jornais online, entre eles o G1 e a CNN Brasil, que afirmam que essa declaração nunca existiu.

É falso o conteúdo que circula pelo WhatsApp alegando que Lula vai prender padres e pastores e fechar igrejas. A imagem contém dois supostos “prints” de declarações sobre o tema que teriam sido feitas pelo candidato no Twitter no último dia 4 de outubro, o que não procede. Na verdade, trata-se de uma imagem falsa tentando reproduzir a conta oficial de Lula na rede social. O ex-presidente jamais afirmou isso em suas redes sociais ou em qualquer declaração pública. (CNN Brasil, 2022) Além disso, uma busca avançada no perfil oficial de Lula no Twitter revela que os conteúdos atribuídos a ele não existem. Os prints são falsos – ou seja, são montagens. Caso os posts tivessem sido escritos e depois apagados, seriam capturados pelo robô do Projeto 7c0, uma conta automatizada que mostra tuítes apagados de atores políticos. Uma busca avançada nesta conta revela que não existem posts apagados com esse conteúdo – portanto, eles nunca existiram. Os prints falsos apontam que as mensagens teriam sido postadas em 4 de outubro de 2022. Uma busca das gravações da conta oficial de Lula guardadas no arquivo da internet para esse dia também não revelam o conteúdo apontado na mensagem falsa. (G1, 2022)

Como podemos perceber, a publicação foi apenas uma montagem, contudo, como a narrativa foi amplamente divulgada, é possível que a “mancha” na imagem do candidato Lula tenha se concretizado.

Dando continuidade à explanação, o paciente diz: “Daí, veio *um chinês que me deu uma vacina com um microchip e eu virei jacaré.*” (Camelo, 2022, grifos nossos). Nessa frase, observamos a menção a falas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro sobre a vacina Sinovac, desenvolvida e vendida pelo laboratório chinês Sinovac Biotech; além disso, é mencionada a teoria da conspiração amplamente difundida sobre existir um microchip nas vacinas com diversas consequências. Além disto, desde o início da pandemia no Brasil, Bolsonaro insinua que o coronavírus foi criado em laboratório e seria uma tática de guerra.

Em 21 de outubro de 2020, em uma entrevista, Bolsonaro disse que não compraria a vacina desenvolvida na China, por a mesma possuir um descrédito “muito grande”. Antes o presidente dizia que iria adquirir a vacina apenas com a aprovação da Anvisa, contudo, um dia depois ele declarou:

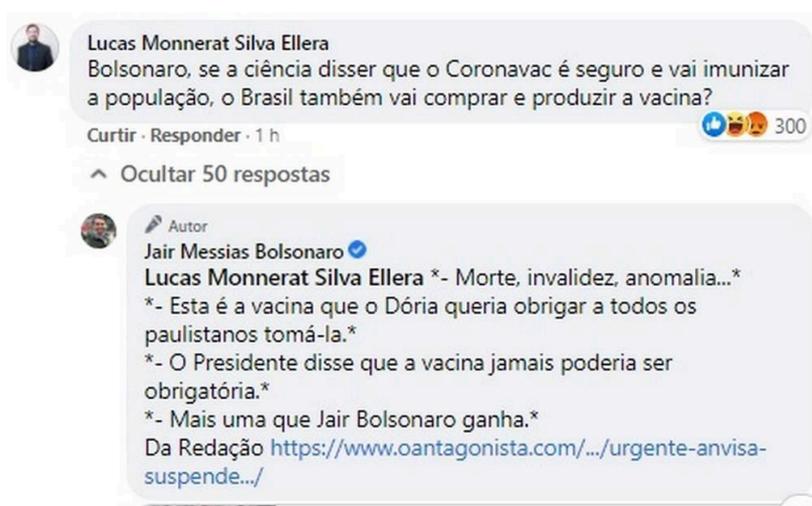
A da China nós não compraremos, é decisão minha. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população — disse. — A China,

lamentavelmente, já existe um descrédito muito grande por parte da população, até porque, como muitos dizem, esse vírus teria nascido por lá. (O Globo, 2021)

Nessa fala, Bolsonaro desacredita o laboratório chinês pela sua localização e por ter sido o lugar que deu origem ao vírus, não levando em consideração a ciência e os estudos desenvolvidos sobre a doença e a vacina.

Em 10 de novembro de 2020, Bolsonaro reafirmou seu posicionamento em relação à vacina e a relacionou a consequências adversas que essa poderia causar. No Facebook, ele comentou:

Figura 5 – Comentário de Bolsonaro sobre a Sinovac



Fonte: O Globo, 2020.

O comentário de Bolsonaro transmite ao público em geral que a vacina pode causar morte, invalidez e anomalias, o que impulsiona a descrença dos mesmos em relação à ciência.

Em 17 de dezembro de 2020, Bolsonaro desestimulou a população a se vacinar: “Alguns falam que eu estou dando um péssimo exemplo. Ou é imbecil, ou idiota que está dizendo que eu dou péssimo exemplo, eu já tive o vírus. Eu já tenho anticorpos. Pra que tomar vacina de novo?” (Bolsonaro, 2020). No mesmo dia, ressaltou que quem se vacinou poderia se tornar um jacaré, já que a empresa responsável pela vacina não se responsabilizava pelas reações adversas: “E na Pfizer [contrato da Pfizer] tem lá: nós [Pfizer] não nos responsabilizados. Se eu virar um jacaré, se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher, ou algum homem começar a falar fino...E o que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas.” (Bolsonaro, 2020)

Bolsonaro, em 05 de maio de 2021, em cerimônia no Palácio do Planalto, sem citar a China diretamente, disse:

É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. Será que não estamos enfrentando uma nova guerra? (Bolsonaro, 2021)

Esse comentário demonstra desconfiança em relação à China e sua população, insinuando que a doença teria sido criada propositalmente. Somado a isso, Bolsonaro ainda desacredita a própria Organização das Nações Unidas (OMS), pois a mesma na época disse existir poucas chances do vírus ter sido criado em laboratório. (Uol, 2021)

Tendo em vista todas as falas e comentários atribuídos a Bolsonaro, não é surpresa o personagem ligado a ele ser retratado como alguém que acredita em teorias da conspiração e vive desacreditando da ciência e dos principais meios de comunicação tradicionais. Pois o mesmo está reproduzindo algo que o seu chefe de Estado afirmou ou impulsionou como verdade/fato.

Ao falar sobre *as vacinas e o microchip* nelas inseridas, o personagem faz referência à teoria da conspiração que alega que as vacinas para a Covid-19 teriam um microchip líquido para controlar a população por meio de uma inteligência artificial que leria um código nesse chip para isso. A mensagem amplamente divulgada era a seguinte: “O plasma dessa vacina, que é o líquido, vem com uma codificação que traz uma leitura para inteligência artificial, então eles têm o nosso controle através disso. É como se fosse um chip, mas de forma líquida, que é o plasma” (G1, 2021). O site G1 consultou especialistas que demonstraram ser impossível tal fato ocorrer, como afirma os especialista abaixo:

Obviamente é falsa essa mensagem. Eu sou um especialista na área de projeto de chip. Sei exatamente onde a tecnologia se encontra, o que ela pode e o que ela não pode fazer. Não existe essa coisa hoje de chip líquido”, afirma Ney Laert Vilar Calazans, doutor na área de microeletrônica na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. [...] Existem estudos que tentam fazer a evolução dos chips, que hoje são feitos de silício. Eles podem ser muito pequenos, podem ser colocados embaixo de uma unha sem ninguém ver e são chips com alguma complexidade. A gente está chegando no limite dessa tecnologia de silício. Então o pessoal está fazendo pesquisas e uma das pesquisas é usar uma tecnologia similar à de organismos biológicos, tipo proteínas e outras coisas para fazer processamento de informação, mas estamos muito longe disso. Não existe como você ter um chip líquido hoje, uma proteína capaz de prover o controle do corpo de alguém. (G1,2021)

Linnyer Beatrys Ruiz Aylon, na época presidente da sociedade brasileira de Microeletrônica, sobre o assunto afirma:

Apesar de todo desenvolvimento que temos conseguido com o silício e de produzirmos quintilhões de dispositivos no mundo, não existem chips líquidos ou solúveis em plasma ou sangue e tampouco chips que possam estar 'escondidos' em vacinas. Em nosso conhecimento, isso não é possível. Fake news. (G1,2021)

Como podemos perceber, essa teoria da conspiração é infundada, contudo, foi propagada imensamente, podendo ser um dos motivos para a não vacinação de muitos brasileiros.

As teorias da conspiração que compõem essa frase teriam como objetivo relacionar a vacina da Covid-19 à causadora de problemas de saúde ou parte de um plano para controle populacional causando descrença e desconfiança da população na ciência e nas instituições relacionadas a ela. Bolsonaro demonstra impulsionar principalmente a descrença na vacinação, em sua eficácia e até mesmo na sua segurança, o que estaria vinculado ao que Stanley (2018) e Eco (2018) dizem sobre um governo fascista disseminar informações irreais ou inverídicas e possuir uma obsessão por teorias conspiratórias internacionais – nesse caso em relação à China.

Na última frase, o personagem diz: “Depois, *um grupo de petistas* me levou para um *banheiro unisex*, eu saí correndo, tropecei em uma *mamadeira de piroca* e caí da *terra plana*. O que isso significa?” Nesse último trecho, o personagem cita três teorias da conspiração: a criação de banheiros unisex em escolas, a distribuição de mamadeiras eróticas para crianças e a crença de acreditar que a terra é plana.

A primeira se refere à teoria da conspiração difundida por postagens em redes sociais e por uma live realizada por Bolsonaro, de que existiria um projeto do candidato Lula que previa a criação de banheiros unisexs em escolas públicas voltadas ao público infantil. Segundo o Uol (2022), a publicação na rede social era de um banheiro com a placa: “banheiro infantil unissex” e abaixo a mensagem “quando sua filha tiver que entrar no banheiro junto com homens, daí faz o L”, contudo, no plano de governo do candidato não tinha nenhuma menção a banheiros unisex, muito menos em escolas para crianças.

O Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, em 21 de outubro de 2022, estabelece a exclusão de trechos da live do ex-presidente Bolsonaro, na época candidato à presidência, no qual mencionava a fake news que se referia a Lula e aos banheiros unisex. Assim informa o site Consultor Jurídico:

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Alexandre de Moraes, determinou a exclusão de trechos de uma *live* do presidente Jair Bolsonaro, publicada no YouTube, com notícia falsa sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o PT. Na *live*, Bolsonaro disse que Lula e o partido são favor da liberação das

drogas, do aborto e da implantação de banheiros unissex nas escolas. [...] A notícia veiculada pelo candidato Jair Messias Bolsonaro, em 16/10/2022, se descola da realidade, por meio de inverdades, ao afirmar que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, assim como o Partido dos Trabalhadores, seriam favoráveis à implantação de banheiro unissex nas escolas, bem como do aborto e da liberação das drogas", afirmou Alexandre de Moraes na decisão. (Consultor Jurídico, 2022)

Como podemos perceber, houve a intenção de Bolsonaro de “manchar” a imagem do seu adversário, o ligando a propostas de governo problemáticas.

Dando continuidade, a segunda teoria da conspiração, segundo o G1 (2021), relaciona-se a um vídeo de 2018, no qual um homem mostra uma mamadeira com um bico no formato fálico e diz que o objeto foi distribuído em creches pelo PT a mando de Fernando Haddad. No vídeo o homem diz: “Olha aqui ó, vocês que votam no PT. Essa aqui é a mamadeira distribuída na creche. Distribuída na creche para seu filho, com a desculpa de combater a homofobia. Olha o bico como é, ó. Tá vendo? O PT e o Haddad pregam isso para o seu filho (...) Isso faz parte do kit gay. Invenção de Haddad”. Tanto o Partido dos Trabalhadores (PT), quanto o site do ex-presidente Lula negam que a informação seja verdadeira. Essa teoria da conspiração é vinculada à do kit gay, já citada anteriormente.

As duas teorias da conspiração citadas na fala do personagem estão relacionadas às minorias LGBTQIA+ e a atos problemáticos, o que pode mascarar o “medo” que alguns sentem em relação a esse público, pois a maioria dos seguidores de Bolsonaro (e o próprio) propagam que a comunidade tem o objetivo de acabar com a família tradicional brasileira.

A terceira e última teoria da conspiração se refere à teoria da terra plana, que não é famosa só no Brasil, mas no mundo. Ela diz que a terra seria plana e não se movia. Essa teoria sempre existiu, contudo, a ideia se materializou em 1956 com a fundação da Sociedade da Terra Plana, pelo britânico Samuel Shenton. Em 2014, a teoria se propagou cada vez mais com o livro de Eric Dubay, “200 Provas de que a Terra não é uma Bola Giratória.” (Amendola, 2020). Além disso, conteúdos relacionados ao assunto começaram a ser postados nas redes sociais e no YouTube, no mesmo ano, o que angariou cada vez mais pessoas que acreditam nessa teoria. (Cunha, s.d). Resumidamente, a teoria diz que:

Os terraplanistas acreditam que o homem nunca pisou na Lua e que as agências espaciais são parte de uma grande farsa, um complô mundial para esconder a verdade. Para eles, a ciência manipula a população para acreditar que a Terra é esférica. Isso seria feito a partir de montagens gráficas em programas de computadores. Muitas pessoas dizem que a NASA seria na verdade, uma agência de efeitos especiais. Há quem afirme que a origem das falsificações teria sido durante a Guerra Fria. A corrida espacial ocorreu entre a União Soviética (URSS) e os Estados Unidos pela supremacia na tecnologia. Para os terraplanistas, as duas potências

começaram a forjar suas conquistas espaciais pois estavam obcecadas em derrotar um ao outro. (Cunha, s.d)

A teoria ganhou força no Brasil, assim como em todo mundo. Contudo, sua força pode estar relacionada com o guru do ex-presidente Bolsonaro, Olavo de Carvalho, que demonstrava apoiar a ideia. Assim, podemos compreender o porquê de sua citação na charge analisada; provavelmente, seus seguidores vão cada vez mais se adentrando em teorias da conspiração à medida que se aprofundam em relação ao seu candidato.

Asheley Landrum, coordenadora de um estudo realizado pela Universidade Texas Tech (EUA) sobre os terraplanistas, afirma que as pessoas que acreditam nessa teoria da conspiração buscam vídeos no Youtube a partir deles são convencidos utilizando apenas a lógica e não por métodos científicos. A pesquisadora ressalta que as pessoas que crêm nessa teoria são aquelas que desconfiam das instituições e das autoridades em geral e que é necessário que o público seja crítico em relação às informações que recebem (Cunha, s.d).

É relevante ressaltar que, em grande parte do discurso proferido pelo personagem bolsonarista, é colocado um “inimigo” do qual ele tenta fugir. São eles: “O Lula”, “Um chinês” e “Um grupo de petistas”. Isso denuncia que o personagem acredita que essas pessoas são inimigas, que existe um “nós”, que são pessoas moralmente respeitáveis e possuem ética, e um “eles”, que são problemáticos e devem ser tratados como inimigos; isso estaria vinculado à característica de divisão propagada por um líder fascista, assim como pontua Eco (2018) e Stanley (2018).

Diante de todas as falas e relações que foram feitas envolvendo o ex-presidente Bolsonaro e seus aliados, compreendemos que durante o seu governo — e até antes por meio da sua figura — ocorreram diversos episódios nos quais seus eleitores e seguidores foram estimulados a acreditar em diversas teorias da conspiração. Algumas relacionadas ao setor científico, outras relacionadas a públicos que aparentemente o desagradavam e outros vinculados a concorrentes políticos. A posição na qual ele se coloca é de apoio a teorias da conspiração e Fake News para ganho próprio. Sua estratégia parece se basear no que Eco (2018) e Stanley (2018) chamam de líder fascista. Um líder que propaga ideias contrárias às instituições educacionais, à ciência, e tenta “implantar” um medo em relação à diferença e à diversidade no país usando de relações mentirosas para tal fim. Do mesmo modo, essas teorias são utilizadas para desmoralizar seus inimigos políticos e para que assim o líder chegue ao poder.

Com base em todos os discursos retratados na última charge, o criador da charge nos guia a uma construção de uma identidade fascista com cinco características apontadas na

seção “Características da ideologia fascista”: 1) o anti-intelectualismo; 2) a crença na irrealidade; 3) a obsessão pela conspiração; 4) o receio à diferença e à diversidade; 5) a divisão da população em dois grupos. O chargista teve como foco o discurso de que o líder pode influenciar suas ideias de tal forma que ele comece a acreditar na irrealidade, em teorias conspiratórias apenas para fazer parte de um grupo. Isso o impulsiona a fazer a “ação pela ação”, característica presente nas três charges analisadas. Especificamente, essa charge estaria focada na segunda e na terceira característica. Assim, pode-se concluir que o sujeito fascista representado na obra “Bolsonarista no psicanalista” age conforme o seu líder e suas teorias recomendam e que esse não possui senso crítico para refletir sobre as informações que lhe são concedidas, bem como não constrói seu próprio pensamento sobre o assunto debatido.

5 CONCLUSÃO

Ao final da análise das charges do autor Jota Camelo, identificamos que o sujeito fascista é representado nas suas obras por nove características, sendo elas: a) Nacionalismo ao extremo; b) Enaltecimento de um passado irreal; c) Ação apenas pela ação, sem uma reflexão sobre seus atos; d) Enaltecimento de uma cultura patriarcal; e) Crença de que a população é dividida em dois grupos e que está no “grupo certo”; f) Obediência a uma hierarquia inspirada no meio militar em meio ao seu grupo, visto que existe um líder a ser enaltificado; g) Obsessão por teorias da conspiração, bem como em tudo que lhe parece “irreal”, mas que explique seus problemas atuais; h) Intolerância com a diferença e a diversidade social; i) Propagação da cultura anti-intelectualista.

A linguagem não verbal e verbal nas charges aponta para quatro características da identidade fascista. A primeira seria o uso da camisa verde e amarela da seleção brasileira de futebol, a segunda seria a menção à palavra “mito”, fazendo referência a Bolsonaro e ao enaltecimento de uma pessoa que seria seu líder. A terceira seria a “arma” que aparece na primeira charge, que simboliza o discurso pró-armamentista, bem como pode simbolizar o discurso patriarcal. Por fim, a quarta característica seria a suástica na camisa do personagem que representa o sujeito fascista.

O estudo revelou nove discursos que eram observados nas charges por meio dos recursos da intertextualidade e da interdiscursividade. O primeiro seria o discurso pró-armamentista. O segundo e o terceiro seriam o anti-intelectualismo e o culto à irrealidade, o quarto e o quinto seriam o discurso sobre um passado mítico e um nacionalismo extremo. O sexto e o sétimo seriam o enaltecimento de uma figura pública como líder e o discurso separatista que divide a população entre um “nós” e um “eles”. O oitavo seria o receio à pluralidade e o último seria a obsessão pela conspiração.

A análise dialógica do discurso, bem como os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, são imprescindíveis para uma interpretação e estudo do texto que dialogam com o viés ideológico existente em cada palavra que dizemos e repetimos. Dessa maneira, pelo seu olhar, que vai além do que é dito no texto, esses conceitos foram essenciais para a análise do gênero charge.

Todos os discursos e características demarcados ou não da identidade fascista estão relacionados à figura do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, sendo ele apresentado como um propagador de ideias ligadas ao fascismo, e sendo colocado como líder pelos seus seguidores. Partindo do resultado das análises, conclui-se que a charge representou o

momento político vivenciado no Brasil no segundo semestre de 2022, como também apresentou como o imaginário brasileiro percebe o sujeito fascista, sendo ele colocado como seguidor de Bolsonaro e repetidor de seus discursos problemáticos ligados ao preconceito e ao conservadorismo. A charge foi utilizada como instrumento para apresentar o panorama político, social e histórico do Brasil na época, um país dividido entre duas ideologias, sendo uma delas a fascista.

REFERÊNCIAS

- ALEXIO, Isabela. É falso que programa de governo de Lula prevê banheiro unissex em escolas. **Uol**, São Paulo, 06 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/10/06/e-falso-que-programa-de-governo-de-lula-preve-banheiro-unissex-em-escolas.htm>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- ALVES, Waldon Volpiceli. **Uma Breve História das Crises Econômicas**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2015.
- AMENDOLA, Gilberto. O que é o terraplanismo?. **Terra**, São Paulo, 27. jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/ciencia/o-que-e-o-terraplanismo,977b20965968aa970c8f745951e76f983fslvt28.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail; BEZERRA; Paulo (org). **Os gêneros do discurso**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARCELLOS, Jorge. "Política anti-intelectualista" de Bolsonaro compromete liberdade acadêmica, escreve pesquisador. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 jun. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2020/06/politica-anti-intelectualista-de-bolsonaro-compromete-liberdade-academica-escreve-pesquisador-ckbjousgz004k015np60xfqb2.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- BARBA, Marianna Della; WENTZEL, Mariana. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**. São Paulo, 19 abr. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb. Acesso em: 15 mar. 2025.
- BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2008.
- CARRO, Rodrigo. Bolsonaro segue o “tipo clássico do fascista latino-americano”, diz filósofo. **Valor**, Rio de Janeiro, 21 nov. 2022. Política. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/11/21/bolsonaro-segue-o-tipo-classico-do-fascista-latino-americano-diz-filosofo.ghtml>. Acesso em: 22 maio. 2023.
- CAMELO, Jota. **“Penso, logo existo”**. São Paulo, 10 out. de 2022. Twitter: (@Ojotacamel). Disponível em: <https://x.com/ojotacamel/status/1579471490994831363/photo/1>. Acesso em: 12 de nov. de 2022.
- CAMELO, Jota. **“Exorcismo”**. São Paulo, 15 out. de 2022. Twitter: (@Ojotacamel). Disponível em: <https://x.com/ojotacamel/status/1581369173464481792/photo/1>. Acesso em: 12 de nov. de 2022.
- CAMELO, Jota. **“Bolsonarista no psicanalista”**. São Paulo, 28 out. de 2022. Twitter: (@Ojotacamel). Disponível em: <https://x.com/ojotacamel/status/1586060371797966856/photo/1>. Acesso em: 12 de nov. de 2022.

CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

CERQUEIRA, Carolina; FERRAZ, Carolina. Lula diz que igreja não pode ter partido, e Bolsonaro exalta “maioria cristã”. **CNN Brasil**, São Paulo, 02. set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/lula-diz-que-igreja-nao-pode-ter-partido-e-bolsonaro-exalta-maioria-crista/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.]

Como surgem as teorias conspiratórias da direita?. **Carta Capital**, São Paulo, 08 jun. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/como-surgem-as-teorias-conspiratorias-da-direita/>. Acesso em: 01 maio. 2025.

Criado como brincadeira, termo Ursal agora alimenta teorias conspiratórias. **Uol**, São Paulo, 17 ago. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2018/08/17/criado-como-brincadeira-termo-ursal-agora-alimenta-teorias-conspiratorias.htm>. Acesso em: 22 mar. 2025.

CUNHA, Carolina. Ciência - Teoria da Terra Plana está cada vez mais popular. **Uol**, São Paulo, [s.d]. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/ciencia---teoria-da-terra-plana-esta-cada-vez-mais-popular.htm>. Acesso em: 30 abr. 2025.

DE SOUZA, Evandro Ribeiro. **Privatização, Concessão e Parcerias Público-Privadas**. Pernambuco: Secretaria de educação e esportes, [s.d]. Disponível em: <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2024/03/Privatizacao-Concessao-e-Parcerias-Publico-Privadas-1.pdf>. Acesso em: 15 mai. de 2024.

DIAS, Natália. A Belle Époque e seus reflexos no Brasil. In: ANAIS DA XI SEMANA DE HISTÓRIA UFES, 11., 2018, Espírito Santo. **Anais eletrônicos** [...] Espírito Santo: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018. p. 1-12. Disponível: <https://periodicos.ufes.br/semanadehistoria/article/view/23114>. Acesso em: 11 maio. 2023.

DOMINGOS, Roney. É #FAKE que vacina contra Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional. **G1**, Rio de Janeiro, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/01/27/e-fake-que-vacina-contracovid-19-tem-chip-liquido-e-inteligencia-artificial-para-controle-populacional.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2025.

DOMINGOS, Roney. É #FAKE mensagem que diz que Lula declarou que irá fechar igrejas em 2023. **G1**, Rio de Janeiro, 07 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/eleicoes/noticia/2022/10/07/e-fake-mensagem-que-diz-que-lula-declarou-que-ira-fechar-igrejas-em-2023.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2025.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. 13.ed. São Paulo: Record, 2018.

Em discurso para prefeitos, Bolsonaro defende Estado mínimo e redução de impostos. **Terra**, São Paulo, 23. mai. 2018. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/em-discurso-para-prefeitos-bolsonaro-defende-estado-minimo-e-reducao-de-impostos_cc78fc74cf50ec2606ec7ca0f5f3ed6eqointdx5.html. Acesso em: 17 mar. 2025.

FACHIN, Patrícia. Grupos bolsonaristas e as teorias da conspiração. A falta da autopatognose, isto é, a consciência de que se está doente. Entrevista especial com Leonardo Nascimento. **Instituto Humanitas Unisinos**, Rio Grande do Sul, 15 de jan. 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/625557-grupos-bolsonaristas-e-as-teorias-da-conspiracao-a-falta-da-autopatognose-isto-e-a-consciencia-de-que-se-esta-doente-entrevista-especial-com-leonardo-nascimento>. Acesso em: 29 mar. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FONSECA, Neide da. **A crise de 2008 e as políticas econômicas no Brasil**. 2013. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GIULLINO, Daniel. 'Mais uma que Jair Bolsonaro ganha', comemora presidente sobre decisão da Anvisa de suspender testes da vacina CoronaVac. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 nov. 2020. Disponível: https://oglobo.globo.com/brasil/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-comemora-presidente-so-bre-decisao-da-anvisa-de-suspender-testes-da-vacina-coronavac-24738058?utm_source=globo.com. Acesso em: 25 mar. 2025.

GIULLIANO, Daniel. Veja 10 vezes em que Bolsonaro criticou a CoronaVac. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2021. Disponível: <https://oglobo.globo.com/politica/veja-10-vezes-em-que-bolsonaro-criticou-coronavac-24843568>. Acesso em: 27 mar. 2025.

GONÇALVES, Laion Loester. **Das condições discursivas do “bolsonarismo”**: crise social, econômica e política na formação de uma brasilidade conservadora no século XXI pelo Facebook. 2021. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/3481>. Acesso em: 20 maio. 2023.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do liberalismo ao fascismo**. São Paulo: Ática, 2010.

“Kit Gay”: o que é mito e o que é verdade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/kit-gay-o-que-e-mito-e-o-que-e-verdade-b60i8lo4osb19tsf2du8bmr54/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

LIMA-NETO, Vicente. Meme é gênero? : questionamentos sobre o estatuto genérico do meme. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 59, n. 3, p. 2246–2277, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8659859>. Acesso em: 9 maio. 2023.

LOBO, Flávio. Estamos vivendo uma epidemia de teorias da conspiração? Veja o que dizem os estudos sobre o tema. **Estadão**, São Paulo, 22 jun. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/teorias-da-conspiracao-aumentaram-estudos/?srsfId=AfmBOormxPP8XsXOxwTvhYp5LwSE3HUarqPUXF3KD1Q50M61NyOHTsTf>. Acesso em: 02 maio. 2025.

Lula não disse que vai fechar igrejas caso seja eleito, como sugere a mensagem. **CNN Brasil**, São Paulo, 07 out. 2022. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/lula-nao-disse-que-vai-fechar-igrejas-caso-seja-eleito-como-sugere-mensagem/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MATIAS, Avanúzia Ferreira; MOURA, Ana Célia Clementino; MAIA, Janicleide Vidal. A INTERTEXTUALIDADE E A IRONIA NO GÊNERO CHARGE. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 241–263, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15854>. Acesso em: 8 maio. 2023.

MATIAS, Avanúzia Ferreira; MAIA, Janicleide Vidal. A história da charge e seu uso no pós-64. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS - SINECGEO, 3., 25 a 27 set. 2014, Fortaleza (CE). **Anais...** Fortaleza (CE), 2014. p. 1013-1025. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/41525/1/2014_eve_afmatiasjvmaia.pdf. Acesso em: 10 maio de 2023.

MERGULHÃO, Alfredo; CASTRO, Rodrigo. Oito vezes em que Bolsonaro defendeu o golpe de 64. **Época**, São Paulo, 31 mar. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MILITÃO, Eduardo. Sem provas, Bolsonaro cita vírus de laboratório e lança dúvida sobre China. **Uol**, Brasília, 05. mai. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/05/bolsonaro-virus-china.htm>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MORETTINI, Thays. Freud e a interpretação dos sonhos. **Ibrapsi**, Londrina, 16. jan. 2023. Disponível em: <https://ibrapsi.com.br/freud-e-a-interpretacao-dos-sonhos/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

O PREFIXO ALEMÃO “UR”. **Blog de língua alemã**, 10. abr. 2019. Disponível em: <https://blogs.transparent.com/german/the-german-prefix-ur/>. Acesso em: 15 mai. de 2024.

Pesquisa mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay. **Congresso em foco**, Brasília, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/33044/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay>. Acesso em: 23. mar. 2025.

QUADROS, C. M. B. de; ZUCCO, F. D.; MORETTI, S. L. do A. Com a palavra, a charge: entre o jornalismo, a política e a arte. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 12, n. 2, p. 48–62, nov. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/12268>. Acesso em: 9 maio. 2023.

QUEIROGA, Louise. É #FAKE que PT distribuiu mamadeiras eróticas para crianças em creches pelo país. **G1**, Rio de Janeiro, 28 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/10/28/e-fake-que-pt-distribuiu-mamadeiras-eroticas-para-criancas-em-creches-pelo-pais.ghtml>. Acesso em: 30 abr. 2025.

REIS, Tiago. Crise do Subprime: Entenda o que foi e como afetou a economia mundial. **Suno**. São Paulo, 24 jul. 2018. Disponível: <https://www.suno.com.br/artigos/crise-do-subprime/>. Acesso em: 14 maio. 2023.

REIS, Guilherme; SOARES, Giovanna. O Fascismo no Brasil: O ovo da Serpente chocou. **Desenvolvimento em debate**, Rio de Janeiro, v.5 n.1, p. 51- 71, fev. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dd/article/view/32164>. Acesso em: 22 maio. 2023.

REIS, Thiago. Estado mínimo: o que diz a ideia de reduzir as funções do Estado?. **Suno**. São Paulo, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/estado-minimo/>. Acesso em: 23 maio. 2023.

RODRIGUES, Denise Simões; MELO, Maria Lúcia. Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental. **Educação. Santa Maria**, Santa Maria, v. 45, e34018, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442020000100231&lng=pt&nrm=iso. acesso em 03 jun. 2025. Epub 19-Jul-2023. <https://doi.org/10.5902/1984644434018>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

'Se virar jacaré, é problema seu': o que Bolsonaro já disse sobre vacinas. **Uol**, São Paulo, 03. maio. 2023. Disponível: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SOARES, Alessandra; SIMÕES, Catharina; ROMERO, Thiago. Crises Econômicas, ascensão da extrema direita e a relativização dos direitos humanos. **Cadernos de campo: revista de ciências sociais**, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 193-224, set. 2020.

SOUZA, V. dos S.; SOUZA, I. dos S. de. Gênero textual: tirinha- características e funcionalidade social. In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE LÍNGUA INGLESA, 2., 2013, São Cristóvão, SE. **Anais eletrônicos [...]**. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2013. p. 726-735. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9899/2/GeneroTextualTirinha.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2023.

STANLEY, Jason. **Como funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”**. 1. ed. Rio Grande do Sul: L&PM, 2018.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001. (Coleção Papéis Avulsos, 38). Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11997/886>. Acesso em: 10 maio. 2023.

TSE manda redes excluírem vídeo sobre Lula e banheiros unissex nas escolas. **Consultor Jurídico**, São Paulo, 21 out. 2022. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1H17KcrNcLeGLOS0xTUQI_CFjnDEbZjAX/edit. Acesso em: 28 mar. 2025.

VEIGA, Edison. Livro popularizado pela fake news do "kit gay" faz 20 anos. **DW**, Berlin, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/livro-popularizado-pela-fake-news-do-kit-gay-faz-20-anos/a-58047603?maca=bra-vam-volltext-brasildefato-30219-html-copypaste>. Acesso em: 23 mar. 2025.

VERDÉLIO, Andreia. Bolsonaro defende privatizações e responsabilidade fiscal do Estado. **Agência Brasil**. Brasília, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-08/bolsonaro-defende-privatizacoes-e-responsabilidade-fiscal-do-estado>. Acesso em: 16 mar. 2025.